



**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DIREITOS  
HUMANOS NA AMÉRICA LATINA**

## **OS “UNILEROS” E A XENOFOBIA**

**Diego Mauricio Alarcón Mejía**

**Foz do Iguaçu**

**2019**



**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DIREITOS  
HUMANOS NA AMÉRICA LATINA**

## **OS “UNILEROS” E A XENOFOBIA**

**Diego Mauricio Alarcón Mejía**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Especialista em Direitos Humanos no curso de Direitos Humanos na América Latina da Universidade Federal da Integração Latino-Americana.

Orientadora: Prof. Dra. Silvana De Souza

**Foz do Iguaçu**

**2019**

**VERSO DA FOLHA DE ROSTO**

FICHA CATALOGRÁFICA

DIEGO MAURICIO ALARCÓN MEJÍA

## **OS UNILEROS E A XENOFOBÍA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Especialista em Direitos Humanos no curso de Direitos Humanos na América Latina da Universidade Federal da Integração Latino-Americana.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Prof. Dra. Silvana Aparecida de Souza - UNIOESTE

---

Prof. Me Ivan Akselrud Seixas - UNILA

---

Prof. Dr. Felix Pablo Friggeri– UNILA

Foz do Iguaçu, 15 de março de 2019



Ministério da Educação  
Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)  
Especialização em Direitos Humanos na América Latina

## ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 22 dias do mês de março de 2019, no horário de 16h às 18h, foi realizada, no Jardim Universitário – UNILA – Foz do Iguaçu, a apresentação de trabalho de conclusão do(a) Diego Mauricio Alarcón Mejía, cujo título é: “Os Unileiros e a Xenofobia”, na especialização em Direitos Humanos na América Latina da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). A Banca Examinadora, constituída pela professora orientadora Silvana Aparecida de Souza e pelos professores Felix Pablo Frigeri (UNILA), Ivan Akselrud de Seixas (Unioeste), emitiu o seguinte parecer:


O trabalho do candidato atende todas as exigências para a obtenção do título de Especialista em Direitos Humanos na América Latina. A banca recomenda o prosseguimento nos estudos sobre a temática, devido a sua relevância.


Os professores avaliadores atribuíram o seguinte conceito:

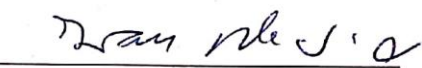
- (X) A – Excelente, equivalente a um aproveitamento entre 90% e 100%;
- ( ) B – Bom, equivalente a um aproveitamento entre 80% e 89%;
- ( ) C – Regular, equivalente a um aproveitamento entre 70% e 79%;
- ( ) D – Insuficiente, equivalente a um aproveitamento inferior a 70%;

Sendo o resultado final **APROVADO(A)**.

Eu, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Silvana Aparecida de Souza, orientadora do trabalho, lavrei a presente Ata que segue por mim assinada e pelos demais membros da Banca Examinadora.

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Orientador (a) Silvana Aparecida de Souza

  
\_\_\_\_\_  
1º Examinador(a) Félix Pablo Frigeri

  
\_\_\_\_\_  
2º Examinador(a) Ivan Akselrud de Seixas

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a minha amada esposa Larissa, a mi família, aos professores, a meus colegas de turma e a todos os ativistas e militantes pelos direitos humanos que de maneira altruísta ariscam sua integridade por defender os direitos humanos dos mais vulneráveis.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos os entrevistados, tanto estudantes como moradores por oferecer seu tempo e confiança para fazer possível esta pesquisa, à minha esposa Larissa por se dispor como entrevistadora, ao professor Ivan Seixas por suas valiosas observações com respeito às entrevistas e uma agradecimento especial à minha orientadora, a Doutora Silvana Souza, por sua paciência com meu portunhol e por suas indispensáveis observações e correções ao longo deste processo.

## Epígrafe

*¿Verdad que xenofobia e intolerancia, racismo e intransigencia vienen a ser la misma cosa? Parece que los extranjeros nos molestan más por su pobreza, que por su color, su procedencia, o incluso su religión.*

*Nos cuentan que son maravillosas la diversidad y la interculturalidad, y que son enriquecedoras la comunión entre distintas etnias y la relación entre culturas diferentes.*

*Lastimosamente, hay gente que sigue prefiriendo el arcoíris de un solo color, el piano sin semitonos, el mundo con un solo idioma y con una sola religión, y los dados con una sola cara...*

“EDUARDO GALEANO”



ALARCÓN MEJÍA, Diego. OS UNILEROS E A XENOFOBIA. Ano 2019. Número de páginas 55. Trabalho de conclusão de Curso do Curso de Especialização em Direitos Humanos na América Latina. -Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Foz do Iguaçu, ano 2019.

## RESUMO

O Presente trabalho consiste numa pesquisa de campo sobre o problema da xenofobia em relação aos estudantes estrangeiros da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Foi necessário investigar sobre este tema já que no “dia a dia” vemos como a universidade e os estudantes, especialmente os estrangeiros são estereotipados de forma negativa. Estereótipos negativos que muitas vezes são reforçados por discursos políticos conservadores e por meios de comunicação pouco profissionais que terminam muitas vezes incentivando varias formas de discriminação como o racismo e a xenofobia, e os afetados neste caso são os estudantes estrangeiros da Unila. Este trabalho pretende primeiramente compreender por meio de uma revisão de literatura, o conceito de xenofobia, suas características, de que maneira se expressa e que tipo de população é mais vulnerável a este tipo de crime. Refletir ao respeito das iniciativas de combate a este problema e analisar como afeta a xenofobia aos estudantes estrangeiros da Unila. Para se ter uma ideia clara das perspectivas destes estudantes ao respeito do Brasil e aprender um pouco sobre a realidade de nossa cidade por meio de suas experiencias locais, se realizaram 4 entrevistas a estudantes de diferentes países. De igual forma, para entender como a Universidade e os estudantes estrangeiros são percebidos pela população local, também se realizaram 4 entrevistas a cidadãos brasileiros moradores da cidade de Foz. O trabalho nos permite refletir sobre a realidade dos estudantes estrangeiros no Brasil, e sobre a situação de nossa sociedade com respeito aos crimes de ódio como o racismo e a xenofobia, e sobre as alternativas que deveriam ser implementadas para combater todas as formas de discriminação. Entre as principais conclusões a que chegamos com este estudo está primeiramente a confirmação de que existe um grave problema de xenofobia e racismo na cidade de Foz do Iguaçu e no Brasil como um todo, que a atual conjuntura política tem contribuído para agravar esta situação, e finalmente, que as atitudes discriminatórias acabam se reproduzindo devido a que fazem parte da cultura e do cotidiano das pessoas, isso explica por que ninguém se considera racista ou xenófobo mas, ao mesmo tempo, todos estão conscientes de que existe muito racismo e xenofobia no país.

**Palavras chave:** Unila, xenofobia, racismo, estudantes.

## RESUMEN

El presente trabajo consiste en una investigación de campo sobre el problema de la xenofobia con relación a los estudiantes extranjeros de la Universidad Federal de Integración Latinoamericana (UNILA). Fue necesario investigar sobre este tema ya que en el día a día vemos cómo la universidad y los estudiantes, especialmente los extranjeros, son estereotipados de forma negativa. Estereotipos negativos que a menudo se refuerzan por discursos políticos conservadores y por medios de comunicación poco profesionales que terminan muchas veces incentivando varias formas de discriminación como el racismo y la xenofobia, y los afectados en este caso son los estudiantes extranjeros de la Unila. Este trabajo pretende primero comprender por medio de una revisión de literatura, el concepto de xenofobia, sus características, de qué manera se expresa y qué tipo de población es más vulnerable a este tipo de crimen. Reflejar al respecto de las iniciativas de combate a este problema y analizar cómo afecta la xenofobia a los estudiantes extranjeros de la Unila. Para tener una idea clara de las perspectivas de estos estudiantes al respecto de Brasil y aprender un poco sobre la realidad de nuestra ciudad a través de sus experiencias locales, se realizaron 4 entrevistas a estudiantes de diferentes países. De igual forma, para entender cómo la Universidad y los estudiantes extranjeros son percibidos por la población local, también se realizaron 4 entrevistas a ciudadanos brasileños residentes de la ciudad de Foz. El trabajo nos permite reflexionar sobre la realidad de los estudiantes extranjeros en Brasil, y sobre la situación de nuestra sociedad con respecto a los crímenes de odio como el racismo y la xenofobia, y sobre las alternativas que deberían aplicarse para combatir todas las formas de discriminación. Entre las principales conclusiones a las que llegamos con este estudio está primero la confirmación de que existe un grave problema de xenofobia y racismo en la ciudad de Foz do Iguazú y en Brasil como un todo, que la actual coyuntura política ha contribuido a agravar esta situación, y finalmente, que las actitudes discriminatorias acaban reproduciéndose debido a que forman parte de la cultura y del cotidiano de las personas, eso explica por qué nadie se considera racista o xenófobo pero, al mismo tiempo, todos son conscientes de que existe mucho racismo y xenofobia en el país.

**Palabras clave:** Unila, xenofobia, racismo, estudiantes.

## Sumario

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1 A XENOFOBIA, CONCEITO E CARACTERÍSTICAS</b> .....	13
1.1 A xenofobia e o fator racial .....	19
1.2 A Xenofobia e os fatores socioeconômicos, políticos e sociais .....	23
1.3 Iniciativas regionais de combate à Xenofobia .....	28
1.4 Universidade Federal de Integração da América- Latina - UNILA.....	32
<b>2 OPÇÃO METODOLÓGICA</b> .....	35
2.1 Entrevistas.....	36
Unilero- Entrevista N. 1 .....	36
Unilero- Entrevista N. 2 .....	40
Unilera- Entrevista N. 3 .....	43
Unilera- Entrevista N. 4 .....	44
Comunidade- Entrevista N. 1 .....	47
Comunidade- Entrevista N. 2 .....	48
Comunidade- Entrevista N. 3 .....	49
Comunidade- Entrevista N. 4 .....	50
<b>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	51
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	55

## INTRODUÇÃO

O Presente trabalho consiste numa pesquisa de campo sobre o tema da xenofobia em relação aos estudantes estrangeiros da Universidade Federal da Integração Latino-Americana UNILA. Achamos interessante investigar sobre este tema já que no cotidiano da cidade de Foz do Iguaçu é comum se deparar com uma série de comentários negativos acerca da Unila e de seus estudantes, especialmente os estudantes estrangeiros. Estes estereótipos negativos acerca da universidade são reforçados constantemente por alguns discursos políticos e por certo jornalismo tendencioso o qual termina provocando muitas vezes comportamentos racistas e xenofóbicos contra os estudantes da Unila.

Entre os principais objetivos desta investigação está primeiramente entender por meio de uma revisão bibliográfica; em que consiste e como opera a xenofobia; saber como se gera este tipo de comportamento e quais são as características; refletir a respeito das iniciativas de combate a este problema e analisar como a xenofobia afeta aos estudantes estrangeiros da Unila. Para ter uma ideia clara das perspectivas destes estudantes ao respeito do Brasil e aprender um pouco sobre a realidade de nossa cidade por meio de suas experiências de convívio, se realizaram 4 entrevistas focalizadas, não estruturadas a estudantes de diferentes países. Desta forma foram entrevistados estudantes de Peru, México, Bolívia y Colombia. De igual forma, para entender como a Universidade e os estudantes estrangeiros são percebidos pela população local, também se realizaram 4 entrevistas a cidadãos moradores da cidade de Foz que trabalham no setor da saúde.

O trabalho está dividido em três partes, a primeira parte consta de introdução, seguido da problematização e definição etimológica do conceito de xenofobia, assim como os fatores que atuam sempre articulados a este preconceito como o fator racial, o fator socioeconômico, político e social. Também são analisadas as iniciativas tanto locais como globais de combate ao racismo e xenofobia. A nível internacional foi analisada por exemplo a proposta do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), chamada “Declaração de Nova York para os Migrantes e Refugiados”, a qual foi aceita de forma unanime pelos 193 Estados membros da Organização das Nações Unidas (ONU). No âmbito nacional finalmente são analisadas 2 iniciativas importantes, uma desde uma Organização não Governamental (ONG), com uma série de programas educativos, culturais e sociais

para a realização de atividades de formação, reflexão e conscientização acerca dos povos africanos, árabes e sul-americanos e dos refugiados e imigrantes de qualquer nacionalidade, uma interessante fórmula que combina educação, conscientização e judicialização, e outra iniciativa desde o âmbito estatal com a criação da Universidade Federal da Integração Latino-americana no ano 2010.

A segunda parte do trabalho está destinada integralmente à análise das entrevistas realizadas tanto aos estudantes da Unila, como aos brasileiros residentes na cidade de Foz do Iguaçu. Estas entrevistas permitiram conhecer algumas experiências tanto positivas como negativas destes estudantes e nos ajudam a refletir sobre a realidade de nossa localidade e talvez nos convidam a pensar em como romper com os estereótipos negativos que reforçam os crimes de ódio como o racismo e a xenofobia. Finalmente na terceira parte do trabalho, nas considerações finais, encontramos uma pequena síntese dos conteúdos, visando também provocar algumas reflexões sobre a realidade do Brasil e da América Latina, e da necessidade de combater o racismo, a xenofobia e todas as formas de discriminação desde várias frentes, e não apenas desde o âmbito do direito.

## **1 A XENOFOBIA, CONCEITO E CARACTERÍSTICAS**

Antes de tratar especificamente sobre a xenofobia, é necessário primeiramente comentarmos um pouco sobre o fenômeno milenário da migração para contextualizar. A história da humanidade é basicamente a história das migrações humanas, as motivações que os seres humanos tiveram para migrar tem sido muito variadas ao longo da história. Inicialmente os humanos deixamos a África para garantir nossa subsistência e sobrevivência, iniciamos nossa caminhada à procura de lugares habitáveis, onde existissem suficientes recursos para melhorar as condições de vida, e assim, depois de milhares de anos, terminamos povoando todos os cantos de nosso planeta.

Mesmo quando deixamos de ser nômades e construímos espaços de convivência estáveis, as migrações humanas não se detiveram, só mudavam os motivos para as novas migrações. Seja para “conquistar” e submeter outros povos, ocupar outros territórios, ou para fugir de guerras ou desastres naturais, nunca deixamos de migrar em todas as direções. Geralmente, os povos que conseguiam desenvolver melhor suas tecnologias sempre procuravam se expandir e dominar

outros povos. Exemplo disso são os grandes impérios do oriente e oriente médio no passado e os mais contemporâneos, os impérios europeus, nos quais, desde o início de sua expansão podemos observar uma lógica de migração do norte para o sul do planeta, ocupando todo o continente Americano, África, Ásia e Oceania.

Com a independência das nações latino-americanas a migração de europeus ao continente americano não terminou, o que mudou novamente foram as motivações, já não se tratava mais de colonizar a América, estávamos diante de um processo migratório diferente. No século XIX, por exemplo, a grande explosão demográfica produto do desenvolvimento de técnicas médico-sanitárias, somada à fome, produto de contínuas guerras, motivou a saída de milhões de europeus em direção a nosso continente. No século XX, novamente, a migração é motivada pela Primeira e Segunda Guerra Mundial que deslocou novamente milhões de europeus para nosso continente. Estimativas apontam que mais de 13 milhões de imigrantes entraram no continente Americano entre 1870 e 1930, sendo que 90% desse total tiveram como destino a Argentina, o Brasil, o Uruguai e Cuba (SANCHEZ-ALONSO, 2007, p. 398-399). Segundo Sanchez, esta migração era desejada, e muitos dos governos da região se mostravam favoráveis a receber imigrantes da Europa, acreditavam que a imigração de “europeus culturalmente superiores” contribuiria para a modernização econômica e social de seus países e sobretudo para os processos de branqueamento da população da América Latina.

No entanto, apenas no período da globalização neoliberal<sup>1</sup>, quando as grandes desigualdades sociais se agudizam tanto localmente como internacionalmente é que esta lógica de migração norte sul se inverte e o norte começa a receber imigrantes do sul, e não podia ser de outra maneira, nas últimas décadas do século XX com o impulso da globalização as fronteiras nacionais perderam muita relevância, especialmente no que se refere ao trânsito de capital, bens e serviços. A influência do fundamentalismo econômico do modelo neoliberal liderado inicialmente por Reagan, Thatcher, os bancos internacionais e as instituições financeiras multilaterais

---

<sup>1</sup> A globalização neoliberal corresponde a um novo regime de acumulação do capital, um regime mais intensamente globalizado que os anteriores, que visa, por um lado, dessocializar o capital, libertando-o dos vínculos sociais e políticos que no passado garantiram alguma distribuição social e, por outro lado, submeter a sociedade no seu todo à lei do valor, no pressuposto de que toda atividade social é mais bem organizada quando organizada sob a forma de mercado. A consequência principal desta dupla transformação é a distribuição extremamente desigual dos custos e das oportunidades produzidos pela globalização neoliberal no interior do sistema mundial, residindo aí a razão do aumento exponencial das desigualdades sociais entre países ricos e países pobres e entre ricos e pobres no interior do mesmo país (SOUSA SANTOS, B. 2002 13-22).

comprometidas com o “Consenso de Washington”, levou a todos os países a se submeterem aos ditames dos mercados globais, “reduzindo significativamente a participação estatal na economia e conseqüentemente, a proteção da economia nacional; ao mesmo tempo, abriu as fronteiras para o fluxo de bens e serviços, assim como de capital” (MARTINE, 2005).

Esta lógica de liberalização, na época, também incluía a mão de obra, portanto, estimulavam a imigração (sul-norte) a fim de conseguir mão-de-obra barata para ocupar as vagas desprezadas pelos cidadãos locais. Imigrantes do sul global eram então bem-vindos. Mas, com a intensificação do processo de globalização neoliberal, a abertura total dos mercados, e a revolução tecnológica e digital, não era mais necessário a imigração de trabalhadores do “terceiro mundo”, as grandes indústrias de manufaturas tinham a possibilidade de migrar ao sul, onde a mão de obra era muito mais barata, não era mais necessário importar trabalhadores do sul, Isto logicamente gerou crescente desemprego e diferenças salariais entre os trabalhadores dos países do norte o que contribuiu para que se manifeste cada vez mais o preconceito e discriminação contra os trabalhadores imigrantes do “terceiro mundo” que já não eram mais bem-vindos ao “mundo desenvolvido”.

As diferenças socio-culturais, econômicas, étnicas, e a relação tensa entre os trabalhadores locais e os estrangeiros foram contribuindo para que atitudes xenofóbicas fossem aumentando cada dia nos países capitalistas do norte, especialmente nos Estados Unidos da América (EUA) e Europa. No entanto, o fenômeno da migração que como vimos é multifatorial e que muitas vezes desemboca em xenofobia, está presente também na região latino-americana. As razões para que estes novos fluxos migratórios não sejam apenas do sul para o norte, senão também sul-sul, são tanto econômicas como políticas.

Vale a pena aqui fazer um pequeno parêntesis para comentar que, se bem a migração como vimos está diretamente relacionada com a xenofobia, o que provoca a xenofobia não são necessariamente a existência de fluxos migratórios sul-norte ou sul-sul, a xenofobia mais bem é uma manifestação discriminatória própria do sistema capitalista. As manifestações de violência de qualquer tipo contra os imigrantes estrangeiros e contra minorias étnico-raciais são a expressão das diversas formas de opressão existentes nas sociedades capitalistas. As elites econômicas ou, usando a terminologia marxista, a burguesia ou classe dominante se utiliza das diferenças

raciais, religiosas, culturais para exercer seu poder e justificar a exploração das classes trabalhadoras, sejam nacionais ou estrangeiras, e para isso estimula a criação de teorias que legitimem seu sistema de dominação. Desta forma, a xenofobia se transforma em um tipo de ideologia racista que dá suporte ao sistema de dominação e exploração capitalista, onde a suposta superioridade racial legitima a violência exercida contra os imigrantes estrangeiros, e é, porém, uma das ideias fundantes do sistema capitalista.

Recapitulando, frente a este novo cenário, tanto Europa como EUA tem reformado suas leis migratórias nos últimos anos para evitar a entrada das pessoas do “terceiro mundo” em seus territórios, especialmente aos milhares de refugiados em busca da proteção do asilo político. Estas crises migratórias geradas por conflitos geopolíticos como no caso da Síria e na Venezuela são mal abordadas pela mídia nacional e internacional e por parte dos políticos, causando uma onda de xenofobia, tanto no norte, como no sul do planeta e o resultado é, por exemplo, o fortalecimento de grupos de supremacia branca nos Estados Unidos, racismo, xenofobia, e a eleição de políticos de ultra direita que oferecem fortalecer os controles para evitar o ingresso de refugiados e imigrantes de América Latina e Médio Oriente nos EUA. Para os governos de Brasil, Peru, e o Equador, os indesejados são os cubanos e venezuelanos, o que demonstra que as motivações do ódio neste caso são mais políticas e econômicas e logo raciais.

Esta breve contextualização foi necessária para explicar a estreita relação que existe entre o fenômeno da migração com o grave problema social da xenofobia. A continuação passaremos a analisar com maiores detalhes, o significado deste termo, sua origem e características.

Etimologicamente o termo xenofobia provem do grego “xénos”, um substantivo que começou a ser usado na Grécia antiga a partir de Homero, e que em termos gerais significa “estranho”, e “phobos” que significa medo ou aversão. Conseqüentemente, se traduzimos literalmente esta palavra, a xenofobia seria o medo ou despreço aos estrangeiros ou às pessoas estranhas a um determinado lugar. Segundo o contexto em que se usava, xénos, podia significar outras coisas, por exemplo, “estrangeiro”, ou seja, “alguém que provem de uma terra distinta e a quem se podia distinguir pela sua linguagem, sotaque, discurso, seus jeitos e sua vestimenta (LEFKOWITZ, 2010).



No Dicionário de Raça, Etnicidade e Cultura de Bolaffi (2003), além de medo se fala também de aversão e profunda antipatia em relação aos estrangeiros. Essa definição se assemelha com a definição da maioria dos mais confiáveis dicionários os quais definem xenofobia da seguinte forma:

*“Miedo, rechazo, repugnancia, hostilidad e incluso odio hacia los extranjeros. (Diccionario de la Real Academia de la Lengua Española)”*.

*“Hostilidad sistemática manifiesta en contra de los extranjeros” (Dictionnaire de français Larousse)”*.

*“Miedo u odio hacia los extraños o los extranjeros” (Merriam Webster Dictionary)”*.<sup>2</sup>

Mas, aqui surge uma interrogante, será que esse medo, essa atitude hostil de desprezo e antipatia se expressa de igual forma contra todos os estrangeiros? ou só contra aqueles estrangeiros que são de uma determinada raça, origem, religião ou condição social?

Antes de analisar como e quem geralmente é vítima de xenofobia, temos que destacar que a xenofobia no Brasil é um crime que está tipificado na lei 9.459/97 e impõe uma pena de reclusão de um a três anos e multa a quem praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional (PLANALTO, 1997). Portanto, estamos falando de uma conduta social condenável e inaceitável, e não de um transtorno psiquiátrico. Consideramos importante fazer esta aclaração porque por tratar-se de um tipo de fobia, muitos psiquiatras podem chegar a descaracterizar o tipo penal ao considerar aos autores deste delito como “pacientes” que precisam de algum tipo de terapia comportamental. Não coincidimos com este tipo de abordagem já que consideramos que quem comete um delito de ódio deve ser punido ao rigor da lei e do código penal brasileiro, a terapia, no entanto, poderia ser complementar, porém, nunca substituta da pena.

Primeiramente temos que entender que a xenofobia é um preconceito que se caracteriza por estar associado a outros tipos de preconceitos que tem como base diferenças raciais, culturais, socioeconômicas, ideológicas e políticas que podem ser abordadas e analisadas desde várias perspectivas. Uma perspectiva que achamos

---

<sup>2</sup>Visitar:<<http://dle.rae.es/?id=c6ypeOd>>,<<http://www.merriamwebster.com/dictionary/xenophobia>>,<<http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/x%C3%A9nophobie/82881?q=x%C3%A9nophobie#81892>>

interessante como ferramenta de análises para este fenômeno social é a leitura da sociedade desde o materialismo histórico dialético<sup>3</sup>. Olhando desde esta perspectiva podemos coincidir em que estes tipos de preconceitos são o resultado da construção histórica de uma estrutura de poder colonial capitalista que categorizou as pessoas e organizou as sociedades humanas em função dos interesses do capital e da classe dominante no sistema de exploração capitalista. Aníbal Quijano (2014) coincide com esta leitura da sociedade quando manifesta que:

*“De un lado, la articulación de diversas relaciones de explotación y de trabajo –esclavitud, servidumbre, reciprocidad, salariado, pequeña producción mercantil– en torno del capital y de su mercado. Del otro lado, la producción de nuevas identidades históricas, “indio”, “negro”, “blanco” y “mestizo”, impuestas después como las categorías básicas de las relaciones de dominación y como fundamento de una cultura de racismo y etnicismo” (QUIJANO 2014, p.757),*

A lógica colonial destas relações de poder que foram impostas há 500 anos primeiro na América e depois no resto do mundo, são as lógicas que ainda determinam o acionar de nossas sociedades, portanto, a colonialidade<sup>4</sup>, segundo o autor, nunca deixou de ser o caráter central do poder atual, e todas as outras determinações e critérios de classificação social da população mundial e sua localização nas relações de poder, desde então atuam em interrelação com o racismo e o etnicismo, especialmente entre europeus e não europeus. (QUIJANO, 2014). A xenofobia, portanto, está sempre associada a outros tipos de preconceitos e só pode ser entendida analisando a construção histórica das sociedades atuais.

---

<sup>3</sup> *La esencia de la concepción materialista de la historia consiste en reconocer, por principio, la prioridad del aspecto material de la vida social en el proceso histórico. Marx e Engels fueron los primeros en extender el materialismo a la sociedad, en dar carta de naturaleza a la concepción materialista de la historia. Este hecho constituye el cambio radical realizado por el marxismo en la interpretación filosófica de la realidad (BERBÉSHKINA, ZERKIN e YAKOVLEVA, 1986).*

<sup>4</sup> Para Quijano, a colonialidade é o padrão de poder mundial que se inicia com a constituição de América e do capitalismo colonial/moderno e eurocentrado e se consolida y culmina definitivamente com o processo de globalização. Um dos eixos fundamentais desse padrão de poder mundial é a classificação social da população mundial sobre a ideia de raça, uma construção mental que expressa a experiência básica da dominação colonial e que desde então permeia as dimensões mais importantes do poder mundial, incluindo sua racionalidade, específica, o eurocentrismo. Dito eixo tem, pois, origem e caráter colonial, porém, há provado ser mais duradouro e estável que o colonialismo em cuja matriz foi estabelecido. Implica, em consequência, um elemento de colonialidade no padrão de poder hoje mundialmente hegemônico (QUIJANO, 1992)

A seguir analisaremos alguns dos fatores que consideramos influenciadores dos comportamentos xenofóbicos e que explicam estas atitudes preconceituosas.

### **1.1 A xenofobia e o fator racial**

Para entender como as diferenças étnico-raciais influenciam os comportamentos xenofóbicos é necessário entender primeiramente como e quando aparecem estas categorizações humanas e porquê fomos subdivididos em “raças”. Segundo Aníbal Quijano, a ideia de “raça” é uma categoria que nasce com a formação de América e com a necessidade que tinham os europeus de estabelecer um tipo de relação com os povos originários. Desta forma, se iniciou uma discussão para determinar a natureza dos aborígenes da América, para saber se estes tem alma e podem ser considerados seres humanos. Finalmente a igreja concluiu que os aborígenes eram seres humanos, mas, seres humanos “cultural e biologicamente inferiores”, bestas selvagens que precisavam ser “civilizados” para que fosse possível salvar suas almas. Desta forma o mundo europeu considerava que tinha a missão divina de levar a civilização aos povos selvagens do mundo. Assim foi como o pensamento europeu justificou a conquista e a colonização de América, ou, para ser mais exatos, a invasão e destruição dos povos originários da América. Desde então segundo Quijano (2014), “nas relações intersubjetivas e nas práticas sociais de poder, ficou formada a ideia de que os povos não europeus não só têm uma estrutura biológica diferente se não também e sobretudo um tipo e nível “inferior” aos europeus”.

É muito importante enfatizar que sobre esta falsa presunção de superioridade biológica e cultural europeia se vem construindo uma matriz de ideias, imagens, valores, atitudes e práticas sociais que ainda hoje permeiam as relações sociais. Estas práticas sociais que evidencia constantemente a discriminação racial, tem sido também promovida em certos períodos históricos pelo próprio Estado, como o demonstram as políticas migratórias adotadas pela maioria de países latino-americanos. Políticas que favoreciam a migração europeia por um lado, e por outro, proibiam seletivamente a migração de grupos humanos “indesejados” (por não serem “compatíveis” com o tipo de miscigenação ou mestiçagem desejada), isso visando obviamente o branqueamento ou clareamento da população da América Latina. Assim também podemos mencionar os diferentes genocídios cometidos pelo Estado contra os povos originários da América, como o ocorrido na Pampa e na Patagônia Argentina em 1879, na Guatemala contra a população indígena do povo Maya Ixil em 1981-

1983, (CASAÚS, 1992), e se retrocedemos um pouco mais podemos falar do extermínio dos povos indígenas no Brasil, no Peru, no México e muitos outros países que estavam no processo de construir nações mais branquejadas.

No caso do Estado brasileiro, quando este não atua como agente promotor do racismo, as vezes atua como cúmplice, quando deixa na impunidade assassinatos e outras violações aos direitos humanos realizadas contra comunidades indígenas e suas lideranças, por exemplo. Muitos deles, junto com ativistas da causa tem sido sistematicamente assassinados e as comunidades indígenas deslocadas de suas terras para dar passagem ao agronegócio, um setor com grande representação no Congresso Nacional na bancada da “da bala, do boi e da bíblia” (BBB), diferente dos índios e quilombolas, os quais não tem quase nenhuma representação no Congresso Nacional.

Por conseguinte, quando nos perguntamos por que a xenofobia se manifesta de forma diferenciada ou até seletiva, temos que lembrar que isso é produto da lógica de hierarquia racial ou melhor, da lógica racista sobre a qual se construíram nossas sociedades. Por exemplo, quando os estrangeiros migrantes tem o fenótipo europeio, pele clara, cabelos loiros e olhos azuis, não recebem o mesmo tratamento que seus pares de pele escura, índios, asiáticos, africanos etc., os quais são cruelmente discriminados porque para alguns, os primeiros vêm “logicamente” a “melhorar a raça”, enquanto os outros vem a “roubar os empregos locais”. Este é infelizmente o tipo de comentários racistas que ainda hoje escutamos no cotidiano com respeito ao tema dos imigrantes estrangeiros.

Desta forma, apesar de não existir uma base científica que sustente a ideia de que existem raças humanas, e apesar de que a ciência há demonstrado contundentemente que não existem diferenças biológicas ou genéticas baseadas na cor da pele ou no fenótipo, estes preconceitos, estigmas, estereótipos, ideologias, políticas e práticas racistas persistem, se retroalimentam e continuam a se renovar e adaptar aos novos tempos e circunstancias. Esta convicção carente de base científica, segundo Olivia Gall se deve a que:

*“la raza es una construcción cultural y no una realidad natural. Es, en otros términos, una creencia pertinaz, una idea arraigada, una convicción terca, ligada en lo profundo a las formas en las que hemos construido los Estados-nación, los nacionalismos, los poderes determinados étnicamente que los sostienen y las relaciones socioculturales, económicas y políticas entre*

*naciones. Por ello, a pesar de los descubrimientos del año 2000 a la fecha en torno a la estructura del genoma humano, el acceso diferenciado y desigual a oportunidades y derechos para los integrantes de grupos considerados étnica y racialmente inferiores se sigue justificando con argumentos filosóficos, legales, políticos y culturales. Todavía nos regimos por la creencia cultural de la existencia de razas y el racismo siempre está ligado, de manera intersectorial, a una o varias formas de discriminación y de opresión: socioeconómica, de género, política, social, ambiental, etcétera” (GALL, 2016).*

Mencionar todos os casos de racismo e xenofobia que ainda hoje vemos no cotidiano seria uma tarefa interminável, por tal motivo alguns exemplos bastaram para refletir sobre esta realidade. Um caso atual, são por exemplo, as declarações xenofóbicas do Presidente dos Estados Unidos Donald Trump a respeito dos migrantes mexicanos, as políticas migratórias de seu governo que permitem a expulsão de imigrantes “ilegais” afetando gravemente os direitos humanos de milhares de famílias latino-americanas. No Jornal O Globo do 16 de maio de 2018 lemos uma outra declaração racista e xenofóbica do Presidente Trump, numa mesa redonda sobre migração na Casa Branca onde chamou aos imigrantes ilegais de “animais”. De igual forma olhando as publicações de sua conta de Twitter encontramos uma miscelânea de frases xenófobas como:

*“no hay que permitir la entrada a ningún musulmán”; “Estados Unidos no debería recibir inmigrantes de países de mierda como Haití, El Salvador o las naciones africanas, sino de Noruega”; “la llegada de migrantes [de Centroamérica] es un asalto a nuestro país. Guatemala, Honduras y El Salvador no están haciendo lo suficiente para detener este flujo masivo de personas, que incluye criminales” “Esta es una invasión a nuestro país y nuestros militares les esperan” (@realDonaldTrump, 29 de octubre del 2018, tweet; @realDonaldTrump, 22 de noviembre de 2018, tweet; BBC 2015; 2018).*

Estas declarações, junto a uma abordagem similar adotada pela mídia nacional e internacional tem provocado o fortalecimento da xenofobia nos Estados Unidos e o crescimento de grupos neofascistas e de extrema direita que já tem entrado em enfrentamentos e ataques a grupos de imigrantes e outras minorias como os grupos de lesbianas, gays, bissexuais, transgênero, transsexuais, travestis e intersexuais (LGBTI) cobrado algumas vítimas.

De igual forma, em países andinos como Bolívia, Peru e Equador onde a maioria da população é indígena e mestiça, também podemos ver claramente como opera a lógica de discriminação racial. No Equador por exemplo, tenho presenciado que ter o fenótipo europeio pode ser incluso uma vantagem frente a maioria da

população indígena e mestiça, especialmente na hora de procurar emprego. As empresas têm certa preferência por pessoas que tem características físicas europeias, inclusive a foto do *Curriculum Vitae* muitas vezes pode ser um dos filtros usados na hora de escolher o funcionário/a, especialmente si se trata de um trabalho de atendimento ao público.

Outro caso, na secção de classificados nos jornais do Equador, ainda encontramos exemplos explícitos de racismo quando, na secção de empregos, em algumas ofertas de trabalho exigem como requisito para preencher a vaga que o candidato tenha “boa presença”. Mas, considerando que o padrão de poder mundial, segundo Quijano está sustentado na ideia de raça, construção mental que expressa a experiencia básica da dominação colonial (eurocêntrica) e que desde então permeia as dimensões mais importantes do poder mundial, evidentemente o padrão de beleza universal é o tipo europeu. Porém, esta inocente frase “ter boa presença” é um eufemismo e realmente significa que o requisito é “ter aparência de europeio”, com isso implicitamente se discrimina aos candidatos especialmente negros e índios. Desta forma, por causa do preconceito racial negam-lhes o direito a trabalhar e depois os rotulam de “*índios vagos*”, “*negros perezosos*”. Obviamente que toda regra tem sua exceção, mas, em geral o que tenho presenciado sempre no Equador é que o fator racial e o fenótipo das pessoas condiciona a forma como elas tratam e são tratadas nos diferentes âmbitos da vida social.

Muitas pessoas não tem consciência desta realidade e terminam reproduzindo inconscientemente atitudes racistas e xenofóbicas nas suas relações sociais, dificultado assim a possibilidade de uma mudança real deste grave problema social presente em nossa região. O Equador apesar de ter uma das constituições mais progressistas do mundo, uma constituição que reconhece direitos inclusive à natureza, ainda é uma sociedade muito preconceituosa onde a palavra índio e negro é usado diariamente como um dos piores insultos.

Isso demonstra que as relações sociais estão o tempo todo permeadas pela lógica de discriminação racial e que isto é um fator que agrava a situação das pessoas estrangeiras e migrantes porque a xenofobia é muito mais forte e agressiva quando se adiciona o fator racial. Para entender isto façamos o seguinte raciocínio, se os índios e os negros latino-americanos já são absurdamente discriminados em seus próprios países, imaginem eles na condição de estrangeiros imigrantes pobres em

outro país, o racismo e o classismo se transforma imediatamente em xenofobia, uma xenofobia raivosa baseada na cor da pele ou na origem social da pessoa.

Tenhamos ou não consciência daquilo, essa situação infelizmente é uma realidade presente em todos os países de nossa região que durante séculos foram forçados a dar valor à cultura, religião e costumes dos seus colonizadores em desmedro de sua própria cultura e tradições. O Brasil não é muito diferente, ao igual que os outros países da América Latina tem fama de ser um país muito acolhedor e simpático com os estrangeiros, mas, temos que esclarecer que isso é verdade somente com respeito aos turistas, já, com respeito aos estrangeiros imigrantes, o tratamento vai variar de cordial para xenofóbico dependendo de fatores como o racial, econômico, político, geográfico, e até ideológico como no triste caso dos médicos cubanos do Programa Mais Médicos<sup>5</sup> que foram injustamente criticados e vergonhosamente mal recebidos pelos seus colegas brasileiros.

## **1.2 A Xenofobia e os fatores socioeconômicos, políticos e sociais**

Como temos visto até aqui, a xenofobia atua e se manifesta sempre articuladamente a outros tipos de preconceitos, como o preconceito racial que foi comentado anteriormente. No entanto, além da xenofobia sustentada no preconceito racial, também temos outros fatores que provocam comportamentos xenofobos como por exemplo e especialmente a situação socioeconômica das pessoas.

O ódio ao estrangeiro fundado em diferenças políticas, religiosas e ideológicas também estão presentes em nossa região, mas, não se evidenciam com tanta clareza como em outras regiões do mundo como no oriente médio por exemplo, onde existem conflitos e guerras com motivações religiosas. Por esse motivo iremos comentar com maior detalhe a xenofobia que se sustenta no fator socioeconômico das pessoas estrangeiras.

---

<sup>5</sup> O Programa Mais Médicos (PMM) é uma política do Governo Federal, com apoio de estados e municípios, para a melhoria do atendimento aos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS). O programa inclui a participação de médicos de outros países da América latina com o fim de levar mais médicos para regiões onde há escassez ou ausência desses profissionais, o programa prevê, ainda, mais investimentos para construção, reforma e ampliação de Unidades Básicas de Saúde (UBS). Assim, o programa busca resolver a questão emergencial do atendimento básico ao cidadão. Além de estender o acesso, o programa provoca melhorias na qualidade e humaniza o atendimento, com médicos que criam vínculos com seus pacientes e com a comunidade. Mais informação em: <<http://mais-medicos.saude.gov.br/>>

A este respeito a filósofa espanhola Adela Cortina (2017) chama a tenção para as chocantes diferenças de trato que recebem os imigrantes e refugiados políticos em comparação com o trato que recebem os turistas. Os/as turistas, independentemente do lugar, cultura ou etnia, sempre são recebidos com muita simpatia e amabilidade. Talvez seja por que os turistas trazem recursos econômicos para consumir, o qual é positivo para a economia local e representa uma oportunidade para muitos pequenos empreendimentos.

Este recebimento alegre e simpático com respeito aos turistas acontece graças a que este tipo de estrangeiros não gera medo ou aversão para os locais, já que estes consideram que os turistas e seus recursos econômicos só trazem benefícios a suas localidades, porém, longe de se configurar o crime da xenofobia, em este caso a autora afirma que o que ocorre é a *xenofilia*, ou seja, o amor e amizade a este tipo de estrangeiro.

Por outro lado, os refugiados políticos e os imigrantes pobres que fogem da fome, da miséria e da guerra, não são tratados com a mesma amabilidade e simpatia. Estes são objeto de todo tipo de discriminação e preconceito. Este ódio e rejeição contra as pessoas pobres é muito antigo, e não só afeta aos imigrantes, senão também aos nacionais. No entanto, 20 anos atrás não existia uma denominação para este tipo de discriminação, por esse motivo, a filósofa espanhola Adela Cortina (2017), em 1995 cunhou o termo *aporafobia*, do grego *áporos*, “pobre”, e *fobéo*, “medo, espanto”, para se referir à repugnância e hostilidade que algumas pessoas manifestam com respeito aos pobres.

Segundo a autora, este comportamento hostil contra os pobres deve-se a que as sociedades contratualistas por estarem submetidas ao princípio do intercambio, excluem aos pobres e aqueles que não tem a capacidade de dar algo em troca ou reciprocamente. Portanto, o que se pode evidenciar aqui é um comportamento interesseiro superficial ou utilitarista das pessoas.

Para aqueles que vem o mundo pela ótica do realismo teórico, este comportamento egoísta faz parte da natureza dos seres humanos, enquanto outros, com uma visão mais otimista do ser humano, na qual nós incluímos, coincidiremos em que o ser humano, por ser um ser social, é um ser naturalmente solidário. Os comportamentos egoístas e individualistas que os levam a discriminar e odiar a outras



peças em função da quantidade de bens materiais que possuem, são atitudes aprendidas, valores ou antivalores aprendidos dentro do modelo de sociedade capitalista onde o individualismo e a competição são a máxima virtude e onde as ações sociais e coletivas ameaçam o atual sistema de dominação do capital sobre os seres humanos.

Mais uma vez relembramos que o ódio aos pobres, ao igual que os outros preconceitos ou fobias sociais, fazem parte do cotidiano das sociedades latino-americanas, mas, é muito mais grave quando se trata de pessoas estrangeiras imigrantes e refugiadas, porque o estado de vulnerabilidade é muito maior que o das pessoas nacionais.

Os imigrantes e refugiados inicialmente desconhecem os novos contextos geográficos, sociais, políticos e culturais, estão longe de seus familiares e amigos, desconhecem seus direitos, muitas vezes não falam o idioma local o que dificulta muito na hora de encontrar trabalho, chegam sem dinheiro, no trajeto de suas viagens sua integridade pessoal fica sempre em risco, são explorados, enganados e ameaçados pelos seus empregadores. É por isso que é necessário que os Estados que os acolhem criem mecanismos legais e institucionais que garantam o pleno exercício dos direitos humanos das pessoas em condição de mobilidade.

Infelizmente na América Latina e na Europa isso está longe de acontecer e a xenofobia contra os “miseráveis” segue sendo um problema vigente. Um exemplo claro da xenofobia com base na condição social das pessoas está no atual êxodo de venezuelanos em vários países da América Latina. Em países como Peru, Equador e no norte de Brasil a situação é muito preocupante, os imigrantes venezuelanos tem se convertido no “bode expiatório”, e muitos políticos se aproveitam da situação para sacar créditos eleitorais. Estes personagens políticos, de maneira irresponsável, muitas vezes colocam a culpa da violência e da criminalidade na comunidade migrante venezuelana, gerando uma forte onda xenofóbica na população local desses países.

Um ato de xenofobia muito vergonhoso, similar ao que presenciamos no ano passado no Estado de Roraima no Brasil (BBC,2018)<sup>6</sup>, aconteceu também este 20 de janeiro de 2019 no Equador, quando (logo de um feminicídio cometido por um cidadão venezuelano contra sua noiva de nacionalidade equatoriana) o Presidente do

---

<sup>6</sup>Para maior informação visite o site: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45492018>

Ecuador Lenin Moreno, em lugar de acalmar os ânimos da população e direcionar seu discurso no combate ao machismo e à violência de gênero que foram as reais causas do crime, realizou um pronunciamento incendiário na sua conta de Twitter com o seguinte texto:

*"Ecuador es y será un país de paz. No permitiré que ningún antisocial nos la arrebate. La integridad de nuestras madres, hijas y compañeras es mi prioridad. He dispuesto la conformación inmediata de brigadas para controlar la situación legal de los inmigrantes venezolanos en las calles, en los lugares de trabajo y en la frontera. Analizamos la posibilidad de crear un permiso especial de ingreso al país. Les hemos abierto las puertas, pero no vamos a sacrificar la seguridad de nadie", Lenin Moreno @Lenin, 20 de janeiro tweet; (BBC, 2019).*

A abordagem errada dos meios de comunicação e a comoção pelo crime somado ao pronunciamento apressurado e irresponsável do Presidente do Equador, fortaleceu o clima de xenofobia a nível nacional e gerou uma reação extremamente violenta da população da cidade de Ibarra contra a comunidade de migrantes venezuelanos. Uma turma enfurecida saiu as ruas durante a noite gritando consignas xenófobas para dar caça aos cidadãos venezuelanos e assim supostamente “limpar” a cidade destes estrangeiros indesejados. Parecia uma cena típica da idade média, só faltaram as tochas. Muitas moradias dos imigrantes foram invadidas, seus pertences foram tomados pela força, jogados e queimados no meio da rua, incluso mães com filhos pequenos corriam desesperadas para escapar dos “justiceiros” que ameaçavam com linchamento.

Obviamente esta instigação ao ódio contra uma nacionalidade por parte do representante do Equador intencional ou não, foi condenada por muitas organizações de direitos humanos e provocou inclusive um conflito diplomático. O governo da Venezuela, por meio de seu Chanceler Jorge Arreaza, acusou ao Presidente Lenin Moreno, “de ter incitado uma perseguição fascista contra os venezuelanos no Equador” e ratificou que Moreno e seu governo são responsáveis pela segurança e integridade dos venezuelanos no Equador.

Como podemos observar, os discursos e pronunciamentos de ódio de políticos e autoridades estigmatiza a pessoas de coletivos minoritários, afeta sua reputação, os condena à exclusão, gera perseguição e destrói toda possibilidade de convivência

justa. Por esse motivo é importante que a sociedade aprenda a reconhecer e identificar aos políticos que apostam em discursos xenófobos e aporófobos ou anti-imigrantes e anti-pobres, esses que dizem que os imigrantes pobres e refugiados vem a roubar o trabalho dos nacionais, que vem aproveitar-se dos benefícios sociais e da seguridade social do Estado etc., porque o único que pretendem é usar aos refugiados e imigrantes como “bodes expiatórios” (CORTINA,2017), ou também como plataforma política em tempos de campanha eleitoral. Esse tipo de políticos procura sempre criar um problema, ou jogar uma cortina de fumaça sobre os verdadeiros problemas nacionais, criar um inimigo externo e logo se apresentar como o herói nacional que irá lutar pelos interesses do país e combater o crime e insegurança gerada supostamente pelos imigrantes.

A autora lembra que uma forma de combater este problema é acudir ao direito, já que o direito exerce não apenas uma função punitiva senão também comunicativa e pedagógica, que a tipificação dos delitos de ódio deixa constância de que parte da sociedade não está disposta a tolerar certas ações que vão na contramão dos valores que permitem uma convivência social harmônica. O direito, no entanto, não é suficiente se não se cultivam a ética e uma educação tanto formal como informal dentro do marco do respeito aos direitos humanos.

Obviamente, acudir ao direito e à educação é o primeiro passo, mas, a aporafobia e a xenofobia seguirão existindo se não atacamos primeiramente a raiz do problema que é a grande desigualdade social gerada pelo sistema de produção capitalista e agravada pela expansão do modelo neoliberal a partir do processo de globalização. Desta forma, para erradicar a aporafobia que é um dos fatores nos quais se fundamenta a xenofobia, temos que erradicar primeiramente a pobreza e a miséria.

Para alcançar esse objetivo, Cortina propõe algumas alternativas interessantes, como por exemplo: reduzir as desigualdades através de medidas de redistribuição e igualdade de oportunidades; assegurar-se que no âmbito internacional os programas de assistência para o desenvolvimento contem com a participação dos afetados para assegurar eficácia e justiça; reconciliar as forças criadoras da empresa privada com as necessidades dos menos favorecidos e com as demandas das futuras gerações para desta forma unir o poder da economia aos ideais universais de um mundo globalizado; assumir a responsabilidade social empresarial; promover também

outras formas de empresa como a “economia social e solidaria” que prioriza a cooperação frente à competência (CORTINA,2017).

Propostas interessantes, mas que, não apontam a provocar transformações estruturais, em nossa opinião, apenas visam humanizar um pouco o sistema capitalista em lugar de combatê-lo, por isso achamos que seria melhor pensarmos em alternativas um pouco mais ambiciosas, alternativas que visem não apenas transformar o sistema capitalista senão substituí-lo ao longo prazo por um sistema mais humano que espelhe melhor a natureza social e cooperativa dos seres humanos, que demonstre que não podemos viver isolados, que dependemos os uns dos outros, que somos solidários por natureza e que podemos cooperar para o progresso de todos em lugar de competir pelo interesse individual.

### **1.3 Iniciativas regionais de combate à Xenofobia**

Quando analisamos a gravidade do problema na região e nos perguntamos se se estão criando políticas públicas para combater a xenofobia, observamos que a nível regional não existem, fora do direito, programas específicos que visem prevenir este tipo de atitudes. A resposta desde o Estado é sempre desde o âmbito do direito, por meio da punição.

A maioria dos países latino-americanos, influenciados pelo novo constitucionalismo latino-americano<sup>7</sup>, tem adotado em suas constituições as normas do direito internacional referentes à garantia, respeito e proteção dos direitos humanos de todas as pessoas tanto nacionais como estrangeiras, provendo um marco legal ao qual acudir quando ocorrem estas violações aos direitos humanos.

No entanto, a mera existência de um marco legal de proteção aos direitos humanos não garante por si só que as pessoas em situação de mobilidade humana estejam protegidas da discriminação e o preconceito. Porém, é necessário que os agentes públicos, juízes, policia e cidadãos em geral tenham consciência de sua obrigação de respeitar e garantir os direitos básicos das pessoas em situação de vulnerabilidade.

---

<sup>7</sup> O Novo Constitucionalismo Latino-americano é um novo modo de pensar o constitucionalismo que está acontecendo no âmbito da América-latina e, é, antes de ser político ou jurídico, um fenômeno social, é o levantar de um povo calejado pela desigualdade, pelo eurocentrismo e pelo desrespeito cultural. Dessa forma, os povos latino-americanos começam a vislumbrar uma necessidade de trilhar um caminho próprio, levando em conta suas especificidades. (SILVA, 2017).

De nada serve a lei, se esta não é socializada com uma campanha de conscientização, de nada serve a lei se os juízes não tem uma formação que os permita ter uma visão humanista para entender o fenômeno da migração e suas implicações, de nada serve a lei se os agentes públicos não tem uma formação em direitos humanos, finalmente de nada serve a lei se os meios de comunicação e os atores políticos adotam uma abordagem que criminaliza e estereotipa aos refugiados e aos imigrantes, sejam estes de Cuba, Venezuela, Haiti, Palestina, Centro América, Bolívia ou Síria.

Antes de comentar sobre algumas das iniciativas adotadas no Brasil para enfrentar este problema, vale destacar alguns dados importantes que demonstram a gravidade da situação no país. Segundo a Secretaria Especial dos Direitos Humanos do Governo Federal, as denúncias de xenofobia e intolerância religiosa tem aumentado de maneira alarmante, as violações aos direitos humanos dos migrantes e refugiados e os atos de xenofobia tem aumentado 633% entre 2014 e 2015, especialmente contra haitianos, palestinos e nordestinos que vão para o sul do Brasil. Segundo a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, os haitianos constituem a maioria das vítimas (26,8%), seguido dos árabes (16,45%), o que demonstra claramente um tipo de xenofobia combinada com racismo, clacismo ou aporafobia, e intolerância religiosa, que aliás, no mesmo período subiu em 273% (FARAH, 2017).

Atualmente, graças as redes sociais, as manifestações de ódio racial, xenofobia e intolerância religiosa ficaram mais evidentes na sociedade brasileira e a resposta do Estado Brasileiro tem sido similar a dos outros países da região, mas, poderíamos dizer que o Brasil tem dado alguns passos mais a frente, já que além de tipificar os crimes de ódio na sua legislação, tem também adotado medidas judiciais para punir aos incitadores ao ódio.

Apesar de ser muito baixo o número de casos denunciados que terminaram em punições, já temos algumas sentenças que criam uma jurisprudência importante. Mas, além do campo jurídico, também existem iniciativas para fortalecer campanhas educativas criando assim uma formula que combina educação, conscientização e judicialização.

Um exemplo desse trabalho que não vem necessariamente desde o Estado, é o trabalho da ONG Bibli-ASPA<sup>8</sup>, este centro de pesquisa desenvolve programas educativos, culturais e sociais para a realização de atividades de formação, reflexão e conscientização acerca dos povos africanos, árabes e sul-americanos e dos refugiados e imigrantes de qualquer nacionalidade.

Entre as atividades dirigidas à sociedade civil destacam cursos de idiomas e culturas, oficinas, debates, exposições, cinema, teatro, música dança, língua portuguesa e educação na cultura brasileira, visando facilitar a inclusão social dos imigrantes e refugiados e construir uma cultura de paz, “a fim de terminar com a exclusão, a injustiça, a opressão política e econômica, desenvolver a liberdade de expressão e diversidade cultural através do diálogo e da compreensão, e contribuir para o desenvolvimento da comunidade, do país e do planeta” (FARAH. 2017, p.23).

Os 10 anos de trabalho com atividades educativas e culturais promovendo uma cultura de paz, tem valido reconhecimento de órgãos nacionais e internacionais como a ONU, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e o pronunciamento favorável de governos da África, America Latina e Oriente Médio. Entre as atividades que vale a pena destacar estão “Seminário Internacional sobre Migrações, Refúgios e Deslocamentos” organizado em março e abril de 2017 em parceria com o Ministério de Relações exteriores do Brasil, do centro de pesquisa (NAP) Brasil- África da USP, e com a participação da Agencia da ONU para refugiados (ACNUR), Ministério Público, Universidades, centros de pesquisa e grupos de imigrantes e refugiados. O tema central de reflexão foi a xenofobia, e se plantearam interrogantes como: O que significa ser refugiado? Por que alguém se torna refugiado? Para onde essas pessoas vão e de onde elas vêm? Como é possível apoiar a integração e o bem-estar dessas pessoas e que iniciativas são promovidas com esse intuito? Como combater toda e qualquer forma de xenofobia, racismo e intolerância? (FARAH. 2017).

O estudo e debate destes temas são sumamente importantes e necessários não só em nossa região senão a nível global, mas, ainda falta um compromisso mais forte por parte dos Estados latino-americanos que atualmente em lugar de avançar na garantia de direitos estão num processo de retrocesso e de desmantelamento do

---

<sup>8</sup> Para maior informação visitar: <https://bibliaspaspa.org/es/>

Estado e das garantias fundamentais dos cidadãos, deixando cada vez mais pesada a carga de sua ausência às ONGs, tanto nacionais como internacionais.

Analisando o contexto internacional, evidenciamos que a tendência não é apenas regional, não só não se está fazendo o suficiente para combater o racismo e a xenofobia, senão que as poucas iniciativas internacionais que tentam de alguma maneira organizar os fluxos migratórios internacionais para evitar a violação dos direitos humanos das pessoas em mobilidade humana, não estão recebendo o apoio e comprometimento dos países que são destino principal deste fluxos como são EUA e os países europeus.

As Nações Unidas visando dar uma resposta aos grandes deslocamentos de refugiados e migrantes tem instado aos Estados membros a adotarem uma série de compromissos os quais estão divididos em três eixos: 1) manter as condições de seguridade e dignidade nos grandes deslocamentos de migrantes e refugiados; 2) Estabelecer um pacto mundial de responsabilidade compartilhada para os refugiados; 3) Estabelecer um pacto para uma migração segura, ordenada e regular. A Agência da ONU para os refugiados (ACNUR) detalha cada um dos eixos mencionados, da seguinte forma;

*“El pilar 1 insta a los EM a comprometerse para abordar las causas de los grandes desplazamientos; a implementar en forma plena obligaciones legales pertinentes, decisiones colectivas previas y directrices y políticas; proteger a las personas en ruta y en las fronteras; enjuiciar a los tratantes y traficantes delincuentes, revisar la gestión de la frontera y las políticas de detención, con el fin de respetar los derechos humanos; prevenir la discriminación y promover la inclusión; combatir la xenofobia y desarrollar planes nacionales integrales para incluir a los refugiados y migrantes que están autorizados a permanecer.*

*El pilar 2 insta a los EM a que apoyen la implementación plena de los instrumentos internacionales y regionales sobre refugiados; compartir la responsabilidad de acoger a los refugiados de una forma más justa; y de apoyar al ACNUR cuando pida una Respuesta Integral para los Refugiados (RIR).*

*El pilar 3 insta a los EM a que elaboren un marco de cooperación internacional integral sobre migrantes y movilidad humana; reconocer que todos los migrantes, independientemente de su condición, deben recibir protección, respeto y cumplimiento de sus derechos humanos; desarrollar*

*más oportunidades para una migración segura, ordenada y regular, de conformidad con los Objetivos de Desarrollo Sostenible (ODS); contrarrestar las prácticas de explotación; tener en cuenta las vulnerabilidades y las necesidades específicas de los migrantes en los planes humanitarios y de desarrollo; y de mantener las responsabilidades de los Estados con sus ciudadanos en el exterior, incluyendo retornos seguros, voluntarios y dignos.” (ACNUR, 2016).*

Este pacto mundial se concretou no dia 16 de setembro de 2016 na Cumbre de Alto Nível para Migrantes e Refugiados organizada pela Assembleia Geral das Nações Unidas na cidade de Nova York. Este pacto global para as migrações denominado logo como “A Declaração de Nova York para os Migrantes e Refugiados” foi aceitado de forma unanime pelos 193 Estados membros da ONU (ACNUR, 2016). No entanto, um ano mais tarde o Presidente Trump retirou aos Estados Unidos do pacto, argumentando que o pacto inclui disposições que chocam com as políticas de imigração de seu país. Assim, evidenciamos o pouco ou nenhum compromisso por parte de alguns países para resolver o problema da grave violação aos direitos humanos das pessoas migrantes.

Finalmente, voltando novamente ao contexto brasileiro temos que mencionar que uma das mais importantes e eficientes alternativas de combate ao racismo e à xenofobia é o fortalecimento da integração regional e nesse ponto ganha destaque uma iniciativa apoiada pelo ex Presidente Lula da Silva de criar uma Universidade Federal de Integração Latino-americana.

#### **1.4 Universidade Federal de Integração da América- Latina - UNILA**

No dia 12 de dezembro de 2007, o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva apresentou ao Congresso Nacional o projeto de lei 12.189 para a criação da Universidade Federal de Integração da América-Latina (UNILA), projeto que foi aprovado pelas respectivas comissões do Congresso Nacional e do Senado Federal e finalmente sancionado no dia 12 de Janeiro de 2010 em Brasília pelo Presidente Lula. A UNILA foi instalada provisoriamente no Parque Tecnológico Itaipu (PTI) na cidade de Foz do Iguaçu<sup>9</sup>.

Enquanto a sua localização geográfica, a UNILA está instaurada na cidade de Foz do Iguaçu, no Extremo oeste do Paraná, na Região Trinacional formada por

---

<sup>9</sup> Ler mais em: <https://www.unila.edu.br/conteudo/hist%C3%B3ria-da-unila-0>



Argentina, Brasil e Paraguai, sendo um dos principais polos de desenvolvimento econômico na região, e como mencionamos anteriormente, a universidade funciona provisoriamente no Parque Tecnológico da Itaipu (PTI) até que a construção de suas instalações sejam retomadas.

A Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) nasce da urgente necessidade de nossos povos, de promover, por meio do papel estratégico da educação e do conhecimento compartilhado, uma cultura de paz, de respeito, de solidariedade e de cooperação, para a construção de sociedades sustentáveis no século XXI, fundadas na identidade latino-americana em sua diversidade cultural e orientação para o desenvolvimento, com justiça social e sustentabilidade socioambiental. “Destaca-se também a necessidade de interiorizar e expandir a rede de instituições federais brasileiras nas regiões mais distantes dos centros urbanos desenvolvidos, inclusive nas regiões da fronteira com os países vizinhos da América do Sul”. (IMEIA, 2009).

A UNILA se constitui numa universidade bilingue, cuja principal missão é a de formar recursos humanos aptos a contribuir com a integração latino-americana, com o desenvolvimento regional e com o intercâmbio cultural, científico e educacional da América Latina, especialmente no Mercado Comum do Sul (Mercosul), esta formação humanista, com pensamento crítico e latino americanista, pretende ser uma ferramenta para a instauração de uma cultura de paz e respeito à diversidade.

Entre os objetivos institucionais da Unila, vale destacar aqueles que demonstram que efetivamente a Unila pode ser uma alternativa de combate à xenofobia e a todo tipo de preconceito, como por exemplo, o numeral VIII do artigo 6 do Estatuto da Unila manifesta que um dos objetivos da instituição é: “contribuir para a integração solidária entre as nações, povos e culturas, mediante a cooperação internacional, o intercâmbio científico, artístico e tecnológico e o conhecimento compartilhado”. De igual forma, o numeral XIII do mesmo artigo expressa que seu objetivo como instituição é “combater todas as formas de intolerância e discriminação decorrentes de diferenças linguísticas, sociais, culturais, nacionais, étnicas, religiosas, de gênero e de orientação sexual” (ESTATUTO UNILA, 2009).

Como podemos observar, a UNILA é uma universidade sem fronteiras que apesar de ser relativamente nova, vai se consolidando como uma das mais

importantes e estratégicas para o Brasil e para toda a região. Do total das vagas, 50% está destinado a estudantes estrangeiros provenientes de toda América Latina. No seguinte quadro podemos observar a evolução da população estudantil estrangeira na UNILA, desde 2010, ano de inauguração até 2016.

Quadro 1

Número de estudantes matriculados por nacionalidade/ano																			
Ano de Ingresso	Brasileiros	Paraguaios	Argentinos	Uruguaios	Peruanos	Chilenos	Bolivianos	Colombianos	Equatorianos	Venezuelanos	Salvadorenhos	Haitianos	Panamenhos	Cubanos	Guatemaltecos	Dominicanos	Costarriquenhos	Franceses	Total
2010	25	17	6	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	50
2011	69	35	6	11	7	0	10	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	138
2012	115	52	8	13	38	2	22	25	38	15	4	0	0	0	0	0	0	0	332
2013	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3
2014	293	84	16	17	1	2	11	26	7	0	0	0	0	0	0	0	0	1	458
2015	689	108	19	7	7	31	31	13	14	4	7	61	0	0	0	0	0	0	991
* 2016	790	119	20	2	14	12	12	72	8	4	10	10	2	4	1	1	3	0	1084
<b>Total</b>	<b>1984</b>	<b>415</b>	<b>75</b>	<b>52</b>	<b>67</b>	<b>47</b>	<b>86</b>	<b>136</b>	<b>67</b>	<b>23</b>	<b>21</b>	<b>71</b>	<b>2</b>	<b>4</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>3</b>	<b>1</b>	<b>3056</b>

\* 2016 - \* Dados parciais, referentes ao 1º quadrimestre.

Fonte: PROGRAD (posição maio/2016)

17

Fonte: PROGRAD<sup>10</sup>

Apesar de que a porcentagem de vagas destinadas a estudantes estrangeiros ainda não tenham alcançado 50%, pode-se evidenciar um importante aumento nos últimos anos em relação ao primeiro ano, especialmente de estudantes colombianos, paraguaios, argentinos e bolivianos.

Consideramos que todo projeto que promova a integração regional, seja por meio da cooperação no âmbito da educação, da cultura, da ciência, da economia etc., mesmo que não esteja especificamente focado no combate ao racismo e xenofobia, termina constituindo-se numa forma eficaz de combatê-la, porque, o contato e interação com outros povos, outras línguas e outras culturas, aproxima as pessoas, termina por romper com alguns estereótipos e favorece a uma convivência pacífica e de respeito à diversidade que tanto precisamos construir em nossa região.

<sup>10</sup> Ler mais em: <https://www.unila.edu.br/sites/default/files/files/unila-em-numeros.pdf>

## 2 OPÇÃO METODOLÓGICA

Com o objetivo de entender e explicar os motivos e causas que geram o comportamento social da xenofobia e de descobrir se os alunos hispanos falantes da UNILA tem sido vítimas diretas, ou tem presenciado este tipo de violações aos direitos humanos na cidade de Foz do Iguaçu e região, optamos por uma pesquisa de campo de tipo qualitativa. Este tipo de abordagem permite realizar um tipo de entrevista não estruturada ou despadronizada e focalizada. Segundo Lima (2004, p. 95) Esta modalidade, por não ter um roteiro prévio muito elaborado, dá a possibilidade ao entrevistado para emitir seus pontos de vista com total liberdade, mas, por ser focalizada, ao mesmo tempo não dá liberdade para divagações que impeçam alcançar o objetivo proposto.

A pesquisa foi desenvolvida na cidade de Foz do Iguaçu por meio de uma revisão bibliográfica de artigos científicos e informação disponível em sites acadêmicos como a plataforma da SciELO e jornais digitais como o da BBC, o jornal O Globo, entre outros. O estudo de campo também foi realizada na cidade de Foz do Iguaçu por meio de entrevistas focalizadas semiestruturadas. Estas entrevistas pretenderam descobrir as percepções dos estudantes estrangeiros sobre o Brasil antes de virem a viver no país e compará-las com as percepções atuais sobre o país. Também visaram conhecer as experiências positivas e negativas que estes estudantes tiveram no país durante sua estadia, saber se foram vítimas ou testemunharam atos de racismo e xenofobia.

Com o objetivo de observar se a cor da pele e o fenótipo dos estudantes tem influência no tratamento diferenciado que muitas vezes recebem os unileros, selecionamos propositalmente 4 estudantes originários de países andinos, ou seja, países onde sua composição demográfica é majoritariamente indígena e mestiça e onde o fenótipo indígena prevalece frente a uma minoria branca. O primeiro entrevistado foi um estudante de Peru, logo, um estudante originário de México, uma estudante de Bolívia e finalmente uma estudante da Colombia.

Mas, não queríamos saber apenas como estes estudantes são tratados, como se percebem dentro do Brasil, e como eles percebem o país, também queríamos saber como a comunidade de Foz do Iguaçu percebe aos unileros e que opinião tinham da Unila. Por esse motivo depois de entrevistar aos estudantes estrangeiros realizamos também 4 entrevistas a pessoas de nacionalidade brasileira moradoras de Foz de

Iguaçu. O critério de seleção destes últimos foi influenciado pela resposta de uma das entrevistadas quem afirmou que tinha sentido um pouco mais de discriminação no âmbito institucional no setor da saúde durante seu período de gravidez. Por esse motivo decidimos selecionar a pessoas que trabalham como funcionários públicos no setor da saúde e que tiveram contato com os alunos da Unila.

Para evitar um condicionamento nas respostas, decidimos que os cidadãos brasileiros deviam ser entrevistados por outro cidadão brasileiro e não por um “estrangeiro”<sup>11</sup>, ou brasileiro naturalizado como é meu caso. Desta forma quem realizou estas entrevistas aos brasileiros residentes em Foz do Iguaçu foi minha esposa. Finalmente devido a que a pesquisa é de tipo qualitativa e que o número de entrevistas não é alto decidimos apresentar as entrevistas na integra.

## **2.1 Entrevistas**

### **Unilero- Entrevista N. 1**

*-Cuál es tu Nacionalidad?*

*R: Soy peruano de nacimiento*

*-Qué edad tienes?*

*R: Tengo 25 años*

*-Cuál es la imagen que tenías de Brasil antes de llegar acá?*

*R: Como todo latinoamericano, vez a Brasil como un país externo, desde que encuentras la diferencia del idioma hasta llegar a la diferencia cultural que tenemos con Perú por ejemplo. Veía a Brasil como una gran metrópoli. Tenía una imagen positiva porque como te digo Brasil es el máximo exponente en todo sentido, sobre todo a nivel académico, qué era lo que me interesaba, todas las perspectivas que tenía de Brasil eran positivas.*

*-Luego de haber vivido un tiempo en Brasil, cuál es la imagen que tienes ahora del país, es la misma imagen que tenías antes de venir a Brasil?*

---

<sup>11</sup> Estrangeiro entre aspas, porque sou brasileiro naturalizado, mas, pelo meu sotaque sempre me percebem e tratam como estrangeiro, mesmo quando falo com muito orgulho que eu também sou brasileiro, nunca falta um pequeno sorriso, como dizendo, “esse equatoriano está se achando”.

*R: En el nivel académico se puede decir que sí porque era lo que yo esperaba, el nivel académico es muy alto a comparación de mi país, también me llevé la sorpresa de que los problemas sociales y culturales son los mismos que en el Perú, hay pobreza, exclusión hay mucha discriminación, en ese sentido es como que se tiene un paralelismo cultural con todos los países de América Latina.*

*-Desde que llegaste a Brasil has sufrido algún tipo de discriminación o trato diferente por el hecho de ser extranjero o por el hecho de ser estudiante de la unila?*

*R: De hecho sí, la perspectiva que yo tenía de Brasil era que se trataba de un país con una población mayoritariamente negra, pero llegó a Brasil, a Foz de Iguazú específicamente dónde está la Unila y me llevo la sorpresa de que existía mucha gente blanca, en razón de eso, de que toda la gente es blanca, se siente mucho la diferencia, como yo por ejemplo, como alguien de la región andina con mis rasgos fenotípicos que son muy diferentes con respecto a la población de Brasil en general, es evidente la diferencia, entonces, ni bien llegué a Brasil sí sentí la diferencia, y también la diferencia que ellos percibían conmigo y también el problema del idioma.*

*-Nos puedes hablar sobre algún caso específico de discriminación y en qué lugar o ambiente te sentiste discriminado?*

*R: Bueno, el caso más específico sería cuando estaba tramitando mis documentos para regularizarme como estudiante de Unila en Foz, y bueno, el trato que me dieron ahí en la Policía Federal fue obviamente diferenciada, o sea, me hicieron notar, aparte que el día que estaba tramitando todos los documentos fui abordado, en la avenida Paraná, cerca de la sede de la Policía Federal, no sé si era un patrullero, pero salieron dos agentes de la Policía Federal y me encañonaron pues, me apuntaron con el arma, diciéndome que era lo que tenía en mi mochila, me preguntaron que de dónde era, y otras cosas y demás apelativos que no pude entender muy bien porque era mi primera vez en Brasil y no dominaba todavía el portugués, entonces, ahí viene un caso específico y todavía de una institución bien grande, una Institución representativa de Brasil. Ese fue el caso más relevante que tuve.*

*- En el ambiente de la UNILA presenciaste también algún trato diferente por parte de los estudiantes brasileños con respecto a los estudiantes de América latina?*

*R: La diferencia si se da y es bien notable, bien notoria. En el Jardín Universitario que es más académico en el área de ciencias sociales el trato es normal, es una cuestión más latinoamericana, pero el área de la Reserva de Itaipú donde funciona también la Unila y dónde están los cursos más puros de ciencias exactas como medicina y las ingenierías, ahí el ambiente si es un poco más fuerte, se nota más el trato diferente. También escuché testimonios de estudiantes latinoamericanos sobre estudiantes brasileños “pudientes” (ricos) que hacían grupos cerrados de intelectuales y académicos, entonces creo que ahí siempre se da en todo sentido con más fuerza esa diferencia.*

*-Fuera del ámbito institucional tuviste también alguna mala experiencia?*

*R: Sí pues, como todos los latinoamericano que han llegado aquí, y esa es la historia de todos los estudiantes de Unila creo yo, porque, al conocer más gente he escuchado sobre las mismas vivencias que yo pasé, por ejemplo, en las casas se aprovechan al arrendar, se aprovechan de la ignorancia de los precios y pues se cobran tasas exorbitantes, los dueños de casa pretenden tener un tipo de control sobre los estudiante así limitando su libertad, y pues cómo eres extranjero, te ves en la incapacidad, imposibilidad de reclamar algo, eres ajeno a este país y tienes que aguantarte las no!!*

*-Has escuchado que se refieran a ti o algún estudiante de UNILA con algún tipo de rótulo o adjetivo negativo?*

*R: Muchos, te diré que muchos, pero no personalmente, sino que he escuchado de alguna forma en Brasil. En mi caso por ejemplo, creo que el hecho de tener ya una formación superior y estar haciendo una pos graduación, de alguna manera como que sentí que el nivel de discriminación se redujo un poco, pero, por mi edad, mis relaciones sociales fueron más con alumnos de pre grado y por medio de ellos escuche que no solo hay discriminación de los estudiantes brasileños con respecto a los latinoamericanos que hablan español, sino que existe una constante pugna entre los estudiantes de todos los países, incluso llegué a notar una especie de jerarquización entre países, por ejemplo me decían que primero estaba Colombia, luego estaba Ecuador después de Ecuador estaba Chile, después Perú y finalmente Bolivia, Bolivia sería el último país jerárquicamente hablando, entonces esos eran los niveles en los que te podrían discriminar en ese sentido. Entre otras cosas también*

*escuché unos apelativos bien “divertidos”, yo hablaba por ejemplo con un amigo colombiano, él se refería por ejemplo a los peruanos como los pachakutik, entonces yo decía pero por qué?, no lo decía en el sentido histórico, sino por los rasgos fenotípicos que se tenía. Oye, llegó un amigo pachakutik tuyo, yo le preguntaba porque pachakutik? y me pareció muy particular esa forma de definir personas, no tengo el conocimiento de cómo se pueda denominar a los estudiantes extranjeros de otros países en UNILA, pero al menos a los del Perú les decían los pachakutik, entonces creo que esa es una forma de discriminación, no sé si en el mal sentido pero, ahí existe ya todo un discurso no!!*

*-Y con respecto al racismo y la xenofobia, tú consideras aquí en la ciudad de Foz de Iguazú y región existe ese problema de la xenofobia y el racismo?*

*R: Yo creo que sí pues la cuestión es que con la universidad de integración latinoamericana, el primer aspecto que resaltan es latinoamericanos no!, y tal pareciera que los brasileños se excluyen de Latinoamérica desde ya con la discriminación. Un día me fui hacer atender en el hospital porque tenía un dolor abdominal fuerte y el doctor me preguntó que, qué hacía acá en Brasil? yo le dije que hacía un estudio de posgrado, me pregunto en qué? en estudios latinoamericanos y pues la respuesta bien directa fue; a!, estudio de los delincuentes. Entonces desde ahí ya se tiene una perspectiva de que Foz de Iguazú tiene una formación discriminatoria, excluyente, se nota a leguas, muy notoriamente, sólo que hay espacios donde sí existe la convergencia de todos esos grupos pero en general yo creo que existe mucha xenofobia mucha discriminación mucho racismo.*

*-Y tú crees que el discurso del actual presidente de Brasil ha contribuido para agravar esa situación?*

*R: Sí ha contribuido!! yo diría que es uno de los pilares fundamentales, porque el discurso con el que entró en la campaña electoral fue un discurso nacionalista demasiado excluyente, en otras palabras, el intentaba eliminar esa Latinoamérica conjunta y separar Brasil nuevamente de Latinoamérica, supuestamente con aires de modernismo, de desarrollo, de primer mundo. Cuando yo llegué a Brasil se sentía un ambiente de tratar de incluir, de crear un ambiente conjunto, una vez que comenzaron esas campañas electorales se dio muy notoriamente la diferenciación, la exclusión y se marcó muy claramente sus discursos de xenofobia racismo discriminación.*

*-Finalmente, tú crees que la integración regional por medio de la cooperación cultural y educativa como es el caso de Unila sería una alternativa viable para combatir el racismo y la xenofobia?*

*R: Sí, yo creo que el gobierno que instaló esta Universidade Federal fomentó un discurso de unión más que de exclusión, de enraizamiento de lazos afectivos, fraternos de toda Latinoamérica, que pretendió unificar una Latinoamérica, no fragmentarla como se está haciendo ahora con estos gobiernos, pero, yo creo que sí es una alternativa por la que deberían optar todos los países latinoamericanos y fomentar en cada país una universidad de integración en donde todo latinoamericano pueda moverse y estudiar en cualquier lugar de Latinoamérica.*

## **Unilero- Entrevista N. 2**

*-Cuál es tu nacionalidad?*

*R: Soy Mexicano*

*-Tu edad?*

*R: 35 años*

*-Cuál es la idea que tenías de Brasil antes de venir a Foz de Iguazú?*

*R: Pues de multiculturalidad, los referentes habituales de su cultura, como el fútbol, la samba obviamente, qué son estereotipos pero que son lo que uno conoce desde el exterior, un poco de su historia política reciente también, y que es una potencia en América Latina.*

*-Después de haber vivido un tiempo aquí, cuál es la imagen que tienes actualmente de Brasil, es la misma imagen que tenía de antes de conocer a Brasil?*

*R: Pues no obviamente que no, es una imagen que sea modificada por la realidad, todas las cosas buenas que yo suponía de Brasil creo que las encontré, la exuberancia cultural la creatividad de las personas del pueblo, la importancia de ciertos referentes, toda esa imagen positiva yo aún la tengo, pero en cuanto al Brasil actual contemporáneo es otro asunto, porque lo que percibo es una sociedad muy dividida, una sociedad en crisis como muchas de nuestras sociedades, pero yo en Brasil desde que llegue veo un agudizamiento de la crisis, algo que era una crisis política y económica quizás provocada por una élite, ahora la veo trasladada a muchos*



sectores de lo social y produciendo resultados bastantes desastrosos especialmente en Derechos Humanos y no veo que la sociedad y el pueblo esté muy conscientes de la gravedad de eso.

-Desde que llegaste a Brasil has sido víctima de algún tipo de discriminación por el hecho de ser extranjero o por ser estudiante de la Unila?

R: No he sido testigo ocular de hechos flagrantes de xenofobia, pero he oído muchos relatos de muchos compañeros estudiantes. En mi caso, yo tengo la ventaja de ser mexicano y la cultura mexicana como que se exporta y te tratan un poco diferente de lo que tratan a otros estudiantes latinoamericanos, lo que sí te puedo contar es que en Foz quizás he sufrido un trato un poco grosero de personas que probablemente piensan que no debemos estar aquí, nada grave pero sí da un poco de disgusto.

-En qué lugares por ejemplo?

R: En un bar por ejemplo, donde hubo un señor que no me quería atender por ser mexicano, yo no entendía tan bien el portugués en aquella época pero entendí que el señor le decía a su empleado que me atendiera porque no me quería atender el, y el señor parecía enojado, yo no me lo tomé tan enserio, yo pensé bueno, si no me quiere atender que no me atienda, está en su derecho de hacer eso sí está en su negocio no!, y en el shopping por ejemplo se dan cuenta de mi acento, y me preguntan qué qué hago aquí, que dónde estoy viviendo, me ven con un cierto recelo, pero son algunas personas, no son la mayoría, entonces te ven así, con una cierta desconfianza, pero hablando de fútbol a veces se rompe un poco el hielo y esa desconfianza. Pero donde sentí más discriminación fue en un viaje que hice a Florianópolis en Santa Catarina, cuando estábamos con unos amigos mexicanos bebiendo una cervezas junto a otras personas comenzamos a escuchar unos comentarios negativos sobre nosotros, como por ejemplo, esos extranjeros vienen ensuciar la ciudad y no limpian su basura, no llevan su basura, pero nosotros no nos habíamos ido todavía, no habíamos dejado ninguna basura porque todavía estábamos disfrutando del ambiente teníamos latas de cerveza unas vacías y otras llenas al igual que todo mundo, luego incluso alguien nos tiró un poco de cerveza encima a lo que yo les enfrente y les dije que los mexicanos no nos dejamos y pues se quedaron callados en silencio, fue un episodio muy molesto. En otra ocasión estaba caminando en la playa y escuché un grupo de personas que se estaban burlando de mí y de mi

*cuerpo, obviamente la mayor parte de gente ahí en Florianópolis son gente blanca bonita atlética, el padrón es blanco, occidental ascendencia alemana, son gente muy hermosa, con cuerpos bonitos tanto hombres como mujeres, pero eso no les da derecho a burlarse de los otros cuerpos por ser distintos.*

*-Has escuchado que a los de estudiantes de la Unila les pongan algún tipo de rótulo o adjetivo calificativo como Indio, marihuanero, vagabundo, sucio o algo por el estilo?*

*R: lo he visto mucho más de en redes sociales, a mí nunca me han dicho directamente porque yo no me aguanto esas cosas y yo respondo, también yo soy hombre soy heterosexual y tal vez por eso me perciben de otra manera, pero he oído sobre todo el tiempo de la última elección, que los ánimos estaban muy agitados por causa del propio discurso de Bolsonaro de llamar a los estudiantes de Unila de comunistas y etc.*

*-Crees que el discurso del actual presidente de Brasil ha contribuido para agravar la situación del racismo y la xenofobia?*

*R: Sí ha contribuido mucho y eso como te decía quedó claro en la última elección donde escuchabas que se llamaba los estudiantes de comunistas que se están consumiendo los recursos del país etc. etc.*

*- Crees que existe racismo y xenofobia aquí en la ciudad de Foz de Iguazú y región?*

*R: Sí claro que sí, aunque el racismo no es de algo que se demuestre, algo flagrante, es más una separación sutil entre espacios, lugares, personas y grupos, como ir a un restaurante y ver que toda la gente es blanca por ejemplo y darte cuenta de que eres el único moreno o el único negro.*

*- Crees que la integración regional a través de la cooperación cultural y académica como el proyecto de Unila puede ser una alternativa para combatir el problema del racismo y la xenofobia?*

*R: Yo creo que sí pero con reservas, es decir, este tipo de proyectos, para tener éxito depende mucho de las circunstancias políticas, y proyectos como Unila que son muy cuestionadores, ponen el dedo en la llaga cuando señalan esto es racismo, esto es xenofobia, esto es necesario mudar etc. Que va a ser hacer la sociedad brasileña con eso? no sabemos, cómo los estudiantes y profesores de Unila pueden producir un cambio?, pues depende mucho de cada circunstancia, yo sí creo que es un buen*

*comienzo de solución, creo que la Unila está haciendo una labor bien interesante bien importante poniendo el racismo y la xenofobia como temas de discusión para sus propios de estudiantes.*

### **Unilera- Entrevista N. 3**

*-Cuál es tu nacionalidad?*

*R: Soy Boliviana*

*-Cuál es tu edad?*

*R: tengo 28 años*

*-Cuál es la imagen que tenías de Brasil antes de llegar aquí?*

*R: Que era un país bien acogedor, que abrazaba a las personas, y que era un lugar donde podía tener varias oportunidades.*

*-Cuál es la imagen actual que tienes de Brasil es la misma que tenías antes?*

*R: Depende de cada región, aquí en Foz de Iguazú por ejemplo hay mucho racismo, ellos no tratan bien a los extranjeros, es muy difícil.*

*-Es mejor o peor de lo que esperabas?*

*R: Es un poco peor de lo que esperaba.*

*-Desde que llegaste a Brasil has sufrido algún tipo de discriminación por el hecho de ser extranjera o estudiante de Unila?*

*R: No, no porque la mayoría de personas me confunde con japonesa.*

*-Has visto algún estudiante de la Unila ser discriminado por algún motivo?*

*R: Sí, si he visto a muchos chicos.*

*-Me puedes dar un ejemplo?*

*R: Por ejemplo cuando les preguntan que, qué hacen aquí?, porque no se van a su país?, que causan un perjuicio para el Brasil, que están ocupando un espacio que un brasileño podría estar ocupando.*

*-En qué lugar escuchaste este comentario?*

*R: Lo escuche a unas personas en la calle afuera de Unila.*

*-Has escuchado que se rotule a los estudiantes de Unila como marihuaneros, indios comunistas o algo por el estilo?*

*R: Sí, en 2017 cuando trabajaba en un salón, la dueña del salón, ella criticaba a los estudiantes que estaban haciendo malabarismos en los semáforos, ella les discriminaba refiriéndose a ellos de hippies, de marihuaneros, que qué hacen aquí, vienen a ensuciar el país, ella era muy racista.*

*-Entonces tu sientes que existe racismo y xenofobia aquí en Foz y en la región de la triple frontera?*

*R: Sí aquí en Foz existe más que en cualquier otro lugar de Brasil.*

*-Quieres decir que has tenido la oportunidad de conocer otros lugares de Brasil?*

*R: Sí, viví en Sao Paulo, en Bahía, y un poquito en Río.*

*-Crees que el discurso del actual presidente de Brasil ha contribuido para agravar esta situación?*

*R: Sí, yo creo que sí, porque la mayoría de personas que apoyo aquí en la ciudad a Bolsonaro, apoyaron también con la idea de terminar con la Unila, para que no ocupen aquí el lugar de los brasileños.*

*-Crees tú que la integración regional por medio de la cooperación cultural y académica podría ser una alternativa para combatir el problema del racismo y la xenofobia?*

*R: yo creo que sí, dicen varias personas y también profesores de la Unila, que cuando la unila se creó, el problema del racismo y la xenofobia era más fuerte, entonces creo que mejoró un poco pero todavía existe mucho.*

#### **Unilera- Entrevista N. 4**

*-Cuál es tu edad?*

*R: 27 años*

*-Cuál es tu nacionalidad?*

*R: Soy de Colombia, Bogotá*

*-Cuál es la Imagen que tenías de Brasil antes de venir acá?*

*R: No tenía clara una imagen así muy fehaciente de cómo eran en realidad, tenía una idea lejana, el carnaval, el fútbol, y cosas así muy estereotípicas, y tampoco esperaba llegar a Foz de Iguazú y qué Foz de Iguazú fuera como es, casi una ciudad pueblo, fue algo así cómo salir de un lugar corriendo a ver qué pasaba en otro.*

*- Luego de haber vivido unos años aquí Cuál es la imagen que tienes de Brasil es la misma de antes?*

*R: No, se hace más compleja, hay algunas particularidades históricas, sociales, el hecho de vivir en el sur de Brasil, entender que hay todo un problema sistemático con respecto a lo racial no, que estamos en una parte donde la población tiende a ser más blanca, esas cosas, que estamos en la frontera con Paraguay y el prejuicio que hay contra los paraguayos, eso ha mudado muchísimo mi perspectiva y se ha vuelto más compleja, hay algunas cosas que me gustan, otras no tanto.*

*- Desde que llegaste a Brasil has sufrido algún tipo de discriminación por tu condición de extranjera o por ser estudiante de Unila?*

*R: Pues yo le veo desde varios matices desde varias perspectivas, pues yo me resulté descubriendo que estaba embarazada cuando tenía una semana aquí, y yo siento que la primera forma así de esa sensación, yo la tuve cuando las trabajadoras sociales me llamaron a la universidad y me dijeron que tenía que irme porque la Universidad no tenía infraestructura y que iba a perder mi beca sí, entonces eso es una cosa que fue como que yo sentí la primera cuestión de discriminación. Con respecto al atendimento médico Siempre hubo como ese muro ahí despectivo de los funcionarios, tiende a ser más una cuestión de los funcionarios públicos, de las instituciones que son externas a la Unila, en su mayoría siempre hay un muro así que uno percibe, ahora, en el tiempo de las elecciones, la gente de una manera brusca hablándote feo, siendo grosero y esas cosas.*

*- Has visto que un estudiante de Unila haya sido discriminado?*

*R: Yo presencié en 2013, qué tal vez fue algo así como, como esas experiencias, entre como la ciudad se va adecuando y los estudiantes se van adecuando a la ciudad no!, entonces el 2013 recién había llegado una ola grande de estudiantes de muchos países, y en muchas de las residencias estudiantiles llegaba mucho la policía militar Y atacaba de forma violenta a los chicos en varias situaciones.*

- Y fuera del ámbito institucional has sentido que te miran y que te tratan diferente?

R: Sí, aquí por más de que lleve ya 7 años nunca dejas de sentirte extranjero y por más de que haya una cotidianidad de intercambio entre Argentina, Paraguay y todo, yo por lo menos desde mi experiencia personal no consigo no sentirme extranjera aquí, en la cuestión de los conductores del bus, los puestos de salud, la cuestión ésta de las notarías, todos estos aspectos que son más de protección social y eso, siempre hay más, en lo cotidiano tiende a ser que no tanto, la gente siempre me apoyó mucho con donaciones cuando mi hijo iba a nacer, con la gente de los barrios y los vecinos siempre fue una relación bien amena, tiende a ser más siempre en el ámbito institucional en las escuelas por ejemplo, es una cuestión de, ah, la mamá comunista, sabes de esa mirada de prejuicio de la gente. Mi hijo por ejemplo ha tenido muchos años difíciles tanto en la escuela como como en la guardería, justamente por eso mi hijo llegó un día preguntándome, mami yo soy paraguayo? mami es que mis amigos se burlan de mí en la escuela porque dicen que yo hablo, mí, mi, mi, entonces, he tenido que ir a hablar en la escuela pero es muy difícil, en la escuela el año pasado fue muy difícil porque lo golpeaban y lo molestaban por la forma en que él hablaba, porque, a pesar de que mi hijo nació aquí, él también habla español porque yo le hablo en español, entonces tiene un acento diferente y le critican mucho, le molestan mucho diciéndole paraguayo que hablas extraño hablas raro, entonces yo fui al colegio y les pregunté a los profesores, bueno y cuáles son las políticas que ustedes tienen respecto a este tipo de estudiantes que vienen de otros lugares porque mi niño está deprimido está sufriendo y no quiere volver al colegio por el bullying, Entonces es una situación así como que les incomoda, algo muy complicado.

- Has escuchado que utilizan rótulos para referirse a los estudiantes de Unila?

R: Sí, de marihuaneros, comunistas, marxistas, vagos, en todo lado, en los buses, en las redes sociales, en el imaginario social, es una cuestión que se refuerza mucho con la influencia mediática no!, con los noticieros señalando siempre negativamente a la Unila.

- Sientes que existe racismo y xenofobia aquí en la ciudad de Foz?

R: Sí total, total, imposible no sentirlo.

- Crees que el discurso del actual presidente de Brasil ha contribuido para agravar esta situación?

R: Sí, ha hecho que esta situación se suba a su exponente 10, a pesar de ser compuesta por una diversidad de nacionalidades yo siento que Foz es una sociedad muy conservadora muy cerrada, y justamente eso, es como una cuestión muy difícil de mediar todos esos matices culturales que conviven aquí.

-Y crees tú que la integración regional por medio de la cooperación cultural y académica como el proyecto de unila sería una alternativa viable para combatir el racismo y la xenofobia?

R: Claramente la Unila se propone en muchos frentes eso no! combatir todas esas barreras que han estado impuestas secularmente no. El problema es que internamente la universidad tiene también muchas falencias, que tiene una estructura donde hay funcionarios racistas, xenófobos, entonces esas pequeñas fracturas se expresan también y se evidencian.

-Uno de los estudiantes entrevistados me decía que también dentro de la universidad existía entre los estudiantes extranjeros un tipo de jerarquización entre países, has escuchado algo al respecto?

R: No específicamente así pero sí escuchado comentarios prejuiciosos como que los bolivianos tienen un olor muy fuerte, dicen por ejemplo, “no, no es por ser racista, pero es en serio, tienen un olor muy fuerte” ese tipo de comentarios especialmente contra estudiantes bolivianos y peruanos, los cuales no están estrechamente relacionados cómo los estudiantes argentinos, uruguayos y brasileños, entonces si se percibe un poco una cierta separación.

### **Comunidade- Entrevista N. 1**

-Qual é sua idade?

R: 40 anos.

- Qual é sua profissão?

R: Enfermeira.

- De onde você é?

R: De Foz do Iguaçu.

- Qual é sua opinião sobre a Unila?

R: eu acho que é uma boa universidade.

- Que Você opina dos estudantes estrangeiros da Unila?

R: Meu contato com eles começou mais um menos uns 6, a 7 anos atrás , já recebi opinião do próprio estudante nessa época que falou muito mal desses próprios estudantes mesmo, porque ele veio de fora, e ele disse que não concordava com o comportamento, que via eles muito na rua, então eu acabei adquirindo essa opinião para mim e comecei a observar o comportamento deles, trabalhei no setor da Saúde onde trabalhava com doenças sexualmente transmissíveis e eles compareciam bastante lá, mas, meu local de trabalho atual, eu tenho visto eles frequentemente no ano letivo, tenho visto um bom comportamento aqui dentro do setor de trabalho, acho que eles atuam bem, com responsabilidade.

- Você acha que a presença destes estudantes é positiva ou negativa para a cidade de Foz?

R: Positiva, no geral, positiva, eu acho que não ouvi mais aqueles comentários negativos de; estudante na rua; circulando; falando -aquele maconheiro- não escutei mais, então nesse momento eu vejo como uma forma positiva de crescimento para cidade, e parar comunidade também.

- Você acha que existe xenofobia e racismo na cidade de Foz?

R: Sim, com certeza que existe, não só com relação ao pessoal da faculdade senão no geral.

## **Comunidade- Entrevista N. 2**

-Qual é sua idade?

R: 32 anos.

- Qual é sua profissão?

R: Auxiliar de saúde bucal.

- Qual é o seu lugar de nascimento?



R: Foz Iguaçu.

- Qual é sua opinião sobre a Unila?

R: E, bom respeito a Unila e, acho que beneficia a muita gente né!, até eu tenho um parente que está sendo beneficiado com essa oportunidade, mas ao mesmo tempo também acho que, é muito benefício que acaba dando para fora do país, mas, sabendo que esse é o intuito mas, ao mesmo tempo não concordo.

-Você acha que uma boa universidade?

R: acho que tem um bom reconhecimento por ser Federal né! Acho que sim.

- Que você opina dos estudantes estrangeiros da Unila?

R: Bom eles são diferentes.

- A presença desses estudantes é positiva ou negativa para a cidade de Foz?

R: Bom, eu já tive a presença deles dentro da unidade onde eu trabalho, e é positivo porque acaba somando, ajudando ao Doutor, então eles acabam tendo bastante conhecimento e a gente também acaba somando conhecendo culturas diferentes também com os estrangeiros.

-Você acha que existe xenofobia e racismo na cidade de Foz?

R: Acho que não só em Foz, em todos os lugares existe.

### **Comunidade- Entrevista N. 3**

-Qual é sua idade?

R: 57 anos.

- Qual é a sua profissão?

R: Psicóloga.

-Qual é seu lugar de nascimento?

R: Londrina.

- Qual é sua opinião a respeito da Unila?

R: acho que é uma universidade que traz oportunidade para gente de todas as classes e, é importante para a cidade.

- Você acha que é uma universidade Boa?

R: Sim, acredito que sim, pelo menos deve ser né se é uma universidade federal.

- Qual é sua opinião a respeito dos estudantes estrangeiros da Unila?

R: Eu não sei se dá para fazer essa diferença, eu tenho recebido dos estudantes da Unila, mesmos brasileiros, e assim, a maioria está longe de casa, num grupo social diferente né, e com isso, eu pelo menos acabou atendendo muita gente com depressão, com problemas financeiros, e as pessoas dos outros países também trazem essas mesmas questões.

- Você acha que a presença desses estudantes é positiva ou negativa para cidade?

R: Na minha opinião é positiva, desde que eu mudei para cá sempre se fala da cidade como um polo universitário né! então uma universidade federal é muito importante.

-Você acha que existe xenofobia e racismo na cidade de Foz do Iguaçu?

R: Infelizmente existe no país inteiro, então algumas pessoas acham que as pessoas vem aqui roubando a vaga, roubando a possibilidade de estudar, e não é isso, e o racismo termina sendo a mesma coisa né, acaba caindo naquela discussão de cotas.

#### **Comunidade- Entrevista N. 4**

-Qual a sua idade?

R: 30 anos.

- Qual é a sua profissão?

R: Auxiliar de enfermagem.

- Qual é o seu lugar de nascimento?

R: Foz do Iguaçu;

- Qual é a sua opinião ao respeito da Unila?

R: eu acho que foi muito boa para Foz, uma excelente faculdade.

- Que você opina dos estudantes estrangeiros da Unila?

R: Eu acho bacana ter a diversidade de cultura aqui em Foz, acho que fez bem para Foz, acho que todo mundo saiu ganhando com isso.

- Você acha que existe xenofobia e racismo na cidade de Foz?

R: Sim existe.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste trabalho tivemos a oportunidade de aprender primeiramente que existe uma estreita relação entre o fenómeno histórico das migrações humanas e o problema da xenofobia. Que historicamente, por muitos séculos da era moderna, as migrações humanas partiram sempre desde o norte em direção ao sul do planeta, que os impérios europeus migraram ao sul com o fim de se expandir, colonizando, conquistando, dominando e explorando outros povos. E que apenas com o fenómeno da globalização neoliberal e com a agudização das desigualdades sociais e desemprego provocado por esse processo nas últimas décadas do século XX, a lógica migratória se inverteu e os habitantes do sul global começaram a migrar para o norte em busca de trabalho e melhores condições de vida, e, também uma migração sul-sul, em caso de conflitos internos como no caso da Colômbia, ou situações geopolíticas como no caso da Venezuela.

Vimos que a xenofobia é um preconceito que se fundamenta no ódio, rejeição ou antipatia contra as pessoas estrangeiras. Que a xenofobia é uma manifestação capitalista discriminatória, que atua sempre em combinação com outros tipos de preconceitos, como o racismo, o classismo ou aporafobia, a intolerância religiosa, entre outros, e que existem uma série de fatores que intensificam as expressões de xenofobia como por exemplo, a origem das pessoas, dependendo se elas provem de países pobres ou de países ricos, em determinadas conjunturas também a ideologia das pessoas, a religião das pessoas, os costumes ou fatores culturais e, especialmente o aspecto racial e o económico, todos estes fatores determinam o nível de ódio ou antipatia com que os estrangeiros são tratados quando chegam em condição de imigrantes.

A ideia de raça que traz Quijano, como sendo um dos fundamentos do atual padrão de poder mundial colonial/moderno y eurocentrado, e a criação de novas identidades históricas como “índio”, “negro”, “branco” y “mestiço” impostas como categorias básicas das relações de dominação y como fundamento de uma cultura de racismo e etnicismo são fundamentais para entender os comportamentos xenófobos

e racistas que vemos atualmente tanto nas sociedades do norte como nas do sul do planeta.

Além do fator racial, a situação socioeconômica das pessoas também condiciona a forma como as pessoas são tratadas dentro das sociedades capitalistas, sejam estas do norte, ou da periferia do capitalismo. Um claro exemplo é o trato acolhedor, simpático e amigável que recebem os estrangeiros que estão em condição de turistas, o que Cortina (2017) chama de *xenofilia* ou amor aos estrangeiros, comparado como o trato hostil e preconceituoso com que são tratados os estrangeiros que vem em condição de imigrantes, asilados e refugiados. É muito interessante ver que o fator econômico é tão forte que termina inclusive despojando temporalmente o preconceito racial ou cultural das pessoas. Quando o turista tem dinheiro por exemplo, os “anfitriões” esquecem que a pessoa é negra, índia, amarela, mestiça, cristã, judia, muçulmana, budista etc. Ou pelo menos finge que não se importa e esquece por um momento os estereótipos para agradar ao bom turista que traz seus bolsos cheios de dólares.

Evidenciamos também, que no nível regional existe um estancamento e, em muitos casos como no Brasil, Peru, Equador, inclusive um retrocesso no referente à implementação de iniciativas que visem combater verdadeiramente o problema do racismo e a xenofobia. Além de não existir políticas públicas concretas com este fim, o discurso dos líderes destes governos e a reprodução desses discursos na mídia, e nas redes sociais, só contribui para agravar a situação de vulnerabilidade das pessoas em mobilidade humana, e as únicas iniciativas estatais de combate a este problema estão apenas no âmbito do direito. De igual forma no contexto internacional não existe por parte das principais potencias europeias e os Estados Unidos, um verdadeiro comprometimento em cumprir os compromissos internacionais assumidos em 2016 na “Declaração de Nova York para os Migrantes e Refugiados”.

No entanto, no Brasil pelo menos vimos que existiam 2 iniciativas que merecem destaque, uma desde a ONG Bibli-ASPA, centro de pesquisa que desenvolve programas educativos, culturais e sociais para a realização de atividades de formação, reflexão e conscientização acerca dos povos africanos, árabes e sul-americanos e dos refugiados e imigrantes de qualquer nacionalidade. E outra desde o Estado que é a criação de uma Universidade Federal de integração da América Latina, a qual visa uma integração solidaria de todas as nações latino-americanas e se propõe, combater

todas as formas de intolerância e discriminação decorrentes de diferenças linguísticas, sociais, culturais, nacionais, étnicas, religiosas, de gênero e de orientação sexual.

Finalmente, as entrevistas realizadas aos estudantes de Unila nos permitiram conhecer como foram mudando sua percepção com respeito ao Brasil logo de viver um tempo no país, em todos os casos os estudantes vinham com uma imagem positiva do Brasil, um pouco estereotipada, mas, positiva. No entanto, essa visão romântica do Brasil não existe mais, eles perceberam que existe um certo paralelismo cultural e que os problemas sociais do Brasil são muito similares aos de seus países de origem, e que apesar de o Brasil ter uma imagem positiva fora de suas fronteiras, também é um país com grandes contradições e muitos preconceitos, um país tão racista e xenofóbico como qualquer outro país de nossa região.

Suas experiências como estudantes de uma universidade como Unila que contesta ao sistema, que tenta romper estereótipos, que rompe fronteiras ao trazer América Latina para dentro do Brasil, permite ver que gera certa resistência nos setores conservadores que, com ajuda dos meios de comunicação conseguem colocar a população contra esta universidade e seus estudantes, especialmente os estrangeiros, os quais terminam sendo estereotipados e rotulados de forma negativa. Também foi claro o incomodo dos estudantes ao ser tratados de forma diferenciada por ter um fenótipo que rompe com o padrão ocidental branco europeizado próprio da região sul do Brasil.

As entrevistas aos membros da comunidade de Foz também deixaram em evidencia algumas situações interessantes, primeiro que apesar de todos coincidir na importância da universidade para a cidade e a região, e dos benefícios do intercâmbio cultural, alguns deles parece que não concordam com que o benefício seja também para os estudantes estrangeiros. Não é uma surpresa escutar esses comentários já que os políticos e os formadores de opinião pública tampouco conseguem enxergar as vantagens estratégicas do que significa exportar a cultura brasileira por toda américa latina.

Uma observação que vale a pena destacar é que, ter selecionado como perfil a funcionários públicos da saúde, provavelmente não tenha sido o melhor critério de escolha já que pelo fato de trabalhar com uma população mais carente e por ter contato com os estudantes da Unila, pode ser que estes cidadãos possam mostrar

maior sensibilidade com esta população e possivelmente não mostram o mesmo nível de xenofobia que o cidadão comum ou que os empresários ou empregadores por exemplo, ficando pouco transparentada a xenofobia e dando a sensação de que o problema não é tão grave como se pensa, mas, apesar desse possível deslize metodológico, o preconceito contra os estudantes de Unila, induzido ou não, é uma realidade na cidade de Foz do Iguaçu e os casos de racismo e xenofobia que estes estudantes têm experimentado são prova disso.

Inclusive todos os entrevistados tanto estudantes como comunidade afirmam acreditar que em Foz e no Brasil inteiro existe muita xenofobia e racismo, no entanto, muitos dos que reconhecem aquilo muitas vezes não tem consciência de quais são as atitudes consideradas racistas e xenofóbicas e as terminam reproduzindo, como quando a estudante da colômbia manifestou ter escutado dizer dentro da própria Unila “no es que eu seja racista, mas, os estudantes da Bolívia tem um cheiro forte”. É evidente que o racismo permeia as relações humanas em todos os âmbitos da vida social e que a superação deste problema infelizmente é ao longo prazo e deve ser atacado em três frentes, punição, conscientização e educação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACNUR. **PACTO MUNDIAL: REFUGIADOS**. Reunión Plenaria de Alto Nivel: 19 de septiembre de 2016 Por qué es importante para los refugiados y los Estados de acogida. Acesso em 01/02/2019. Disponível em: <https://www.acnur.org/5b58bed14>

BBC. **Estamos todos aterrorizados', diz amiga de venezuelano linchado em Boa Vista** Acesso em 24/01/2019 <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45492018>

BBC. Mundo. **Feminicidio en Ecuador: las polémicas medidas adoptadas por el gobierno ecuatoriano para los inmigrantes venezolanos**. Acesso em 24/01/2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-46967199>

BBC. 2015. **“Donald Trump pide prohibir la entrada a EE.UU. de todos los musulmanes”**, 8 de diciembre. Acesso em 20/12/2018. Disponível em: [https://www.bbc.com/mundo/noticias/2015/12/151207\\_eeuu\\_trump\\_entrada\\_musulmanes\\_ep](https://www.bbc.com/mundo/noticias/2015/12/151207_eeuu_trump_entrada_musulmanes_ep)

BBC. 2018b. **“Trump dice que EE.UU. no debería recibir inmigrantes de "países de mierda" como Haití, El Salvador o las naciones africanas sino de Noruega, según medios locales”**. 12 de Enero. Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-internacional-42655777>

BBC. 2018c. **“Caravana de migrantes: Trump acusa a Honduras, Guatemala y El Salvador de no hacer nada para evitar la llegada de "muchos criminales" a EE. UU”** Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-internacional-45902671>

BERBÉSHKINA, ZERKIN e YAKOVLEVA. **Que es el Materialismo histórico?** ABC de conocimientos políticos. Editorial Progreso, URSS. 1986.

BOLAFFI. G. **Dictionary of race, ethnicity and culture**. SAGE Publications Ltda. 2003. Pp. 331.

BRASIL. Presidência da República Casa Civil. **LEI Nº 9.459**, de 13 de maio de 1997. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/LEIS/L9459.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/LEIS/L9459.htm). Acesso em: 15/01/2019.

CASAÚS. A. Marta. **Guatemala, linaje y racismo**, Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, Guatemala. 1992.

CORTINA O. Adela. **Aporofobia, el rechazo al pobre. Un desafío para la democracia**, ISBN 978-84-493-3338-5, 200 páginas. Barcelona: Paidós. 2017.

FARAH, Paulo D. **Combates à xenofobia, ao racismo e à intolerância**. Revista USP. São Paulo. n. 114. p. 11-30 julho/agosto/setembro 2017.

GALL, Olivia. **Hilando fino entre las identidades, el racismo y la xenofobia en México y Brasil**. Desacatos, México, n. 51, p. 8-17, agosto 2016. Disponible en <[http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1607050X2016000200008&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1607050X2016000200008&lng=es&nrm=iso)>. Acceso em 17 nov. 2018.

IMEA, Instituto Mercosul de Estudos Avançados. **Comissão de Implantação da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. U58 A UNILA em Construção: um projeto universitário para a América Latina** / Instituto Mercosul de Estudos Avançados – Foz do Iguaçu: IMEA, c2009.

Lefkowitz. **“A Stranger Comes to Thebes”**. Mary, 2010. Disponible en línea: <[http://ancientgreekmodernlives.org/wpcontent/uploads/2011/03/lefkowitz\\_essay\\_02-21.pdf](http://ancientgreekmodernlives.org/wpcontent/uploads/2011/03/lefkowitz_essay_02-21.pdf)>. Acesso em 10/01/2019

LIMA, M. C. Monografia: **a engenharia da produção acadêmica**. São Paulo: Saraiva, 2004.

MARTINE, George. **A globalização inacabada: migrações internacionais e pobreza no século 21**. São Paulo Perspec., São Paulo, v. 19, n. 3, p. 3-22, Sept. 2005. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392005000300001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392005000300001&lng=en&nrm=iso)>. access on 22 Feb. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392005000300001>.

QUIJANO. A **“Raza”, “etnia” y “nación” en Mariátegui**. En: Cuestiones y horizontes de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder. Buenos Aires. CLACSO, 2014.

QUIJANO: **“Colonialidad y modernidad/racionalidad”**. En Perú Indígena, vol. 13, no. 29, Lima, 1992.

O GLOBO e AFP. **Donald Trump chama imigrantes ilegais de 'animais' nos EUA**, disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/donald-trump-chama-imigrantes-ilegais-de-animais-nos-eua-22689336>> Acesso em 20 nov 2018.



SANCHEZ-ALONSO, Blanca. **The other Europeans: immigration into latinamerica and the international labour market (1870-1930)**. Revista de Historia Económica/Journal of Iberian and Latin American Economic History, v. 25, n. 03, pp. 395-426, 2007.

SILVA, Thiago E, e NETO, J. **Novo Constitucionalismo Latino-americano: um constitucionalismo do futuro?** Revista Brasileira de Filosofia do Direito| e-ISSN: 2526-012X | Brasília | v. 3 | n. 1 | p. 60–81| Jan/Jun. 2017.

SOUSA SANTOS, B. Prefácio. In: Santos, B. S. (Org.). **Produzir para viver: os caminhos da produção capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. 515p. Pp. 13-22.

UNILA. **História da UNILA. A comissão de implantação**. Acesso em 06/02/2019. Disponível em: <https://www.unila.edu.br/conteudo/hist%C3%B3ria-da-unila-0>